

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIANA LOPES ALVES

**A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JEAN-PAUL MARAT:
UMA ANÁLISE A PARTIR DOS SEUS PANFLETOS E PERIÓDICOS**

Campo Grande
2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIANA LOPES ALVES

**A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JEAN-PAUL MARAT:
UMA ANÁLISE A PARTIR DOS SEUS PANFLETOS E PERIÓDICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação do Professor Dr. Carlos Batista Prado.

Campo Grande
2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos meus pais, Mariléa e Emerson por investirem na minha educação, pelo amor e incentivo. Toda a minha jornada acadêmica só existe pelo esforço e trabalho de vocês. Aos membros da minha família, especialmente, Gabriel, a melhor definição de irmão mais velho que me ensinou a buscar no que acreditar, e minha prima, Nanda, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado em todos os processos da minha vida.

Ao meu orientador, Carlos Prado, por toda a orientação, auxílio, paciência e prontidão desde quando esse trabalho era apenas uma ideia, obrigada por acreditar no potencial dele. Ao corpo docente do curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pela formação e experiências durante os cinco anos de curso.

Aos meus amigos, que me apoiaram, compreenderam minhas ausências e sobretudo, se orgulharam do trabalho junto comigo. Obrigada por cada palavra de incentivo, cada monólogo ouvido e, às vezes, por emprestar a sala de estar de vocês para que eu pudesse escrever em momentos de imprevisto. Essa pesquisa não teria sido tão divertida se eu não pudesse compartilhar com vocês.

E por fim, à vida, que sempre me mostrou que seria eu quem contaria a de Marat.

EPÍGRAFE

*“Você não tem controle de quem vive,
Quem morre, quem conta sua história.”*

(Lin-Manuel Miranda)

RESUMO

A Revolução Francesa é um momento histórico extremamente dinâmico, não apenas por sua sequência de acontecimentos, mas também pela presença de personalidades marcantes que ditaram o ritmo revolucionário em diferentes períodos. Dentre esses indivíduos, existe Jean-Paul Marat, um jornalista e deputado na Convenção Nacional, conhecido por sua escrita inflamada e radical. O objetivo da presente pesquisa é analisar a trajetória política de Marat demonstrando as mudanças de posicionamento, de acordo com o contexto em que ele viveu. A pesquisa utilizou fontes documentais, especialmente os periódicos e panfletos de autoria de Jean-Paul Marat, consultados digitalmente, e demais referências bibliográficas, especialmente o livro “A Grande Revolução” de Piotr Kropotkin. O trabalho está dividido em quatro capítulos. “Marat Conservador”, que aborda sua juventude até o fim de 1791, com a fuga do rei. “Marat Moderado”, aborda sua entrada no Clube dos *Cordeliers* e, com a morte do Rei, a Convenção Nacional em setembro de 1792. O terceiro, “Marat e a República”, trata da curta fase republicana de Marat até sua morte. Por fim, o quarto capítulo, intitulado “Marat Na História” abordar a partir da historiografia marxista-jacobina, as interpretações feitas do revolucionário. A conclusão é que Marat passou por diferentes fases e seu conhecido radicalismo é mais um traço performático em sua escrita do que sua real postura política.

Palavras-chave: Revolução Francesa; Marat; Radicalismo;

ABSTRACT

The French Revolution is an extremely dynamic historical moment, not only because of its sequence of events but also because of the presence of outstanding personalities who dictated the revolutionary rhythm at different periods. Among these individuals was Jean-Paul Marat, a journalist and deputy in the National Convention, known for his inflamed and radical writing. The objective of this study is to analyze Marat's political trajectories, as well as his positioning, according to the context in which he lived. The research used documentary sources, especially newspapers and pamphlets written by Jean-Paul Marat, consulted digitally, and other bibliographical references, especially the book "The Great Revolution" by Piotr Kropotkin. The work is divided into four chapters. "Conservative Marat" deals with his youth until the end of 1791, with the flight of the King. "Moderate Marat" coping with his entry into the Cordeliers Club and, with the death of the King, the National Convention in September 1792. The third "Marat and the Republic" deals with Marat's short republican phase until his death. Finally, the fourth chapter, entitled "Marat in History", looks at the interpretations of the revolutionary from the point of view of Marxist-Jacobin historiography. The conclusion is that Marat went through different phases and his well-known radicalism is more a performative trait in his writing than his real political stance.

Key-words: French Revolution; Marat; Radicalism;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. MARAT CONSERVADOR.....	11
1.1 NASCE UM AMIGO DO POVO	14
1.2 MARAT DIANTE DA FUGA DO REI	21
2. MARAT MODERADO.....	25
2.1 O CLUBE DOS <i>CORDERLIERS</i>	25
2.2 O 10 DE AGOSTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	34
3. MARAT E A REPÚBLICA.....	39
3.1 A MORTE DO AMIGO DO POVO	52
4. MARAT NA HISTORIOGRAFIA	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

Piotr Kropotkin (2021) argumenta que, ao se tratar da Revolução Francesa, é importante compreender que existiam duas grandes correntes dentro desse episódio. A primeira, a corrente de ideias, composta pela burguesia, refletia sobre novos planos acerca da reorganização política dos Estados. A segunda, a corrente da ação, constituída pelas massas populares, buscava melhorias imediatas e tangíveis para as condições econômicas. A Revolução surge como resultado da adição desses dois grupos com um outro importante fator: a mudança de mentalidade durante o século XVIII. Os filósofos disseminavam o ideal de igualdade entre todos os homens, a expressão da vontade da nação – bem como outras ideias que colocavam em xeque o domínio do dito “Antigo Regime”.

Diante da Revolução de 1789, Kropotkin (2021) acrescenta que a República surgiu como alternativa possível, já que o absolutismo não cabia mais. Os motivos não se restringiam apenas por ser um modelo ultrapassado ou questionado pelos intelectuais, mas por já não atender às necessidades do povo – o maior pilar de sustentação de um Estado. Mas a Revolução só ganhou este nome quando derrubou, rapidamente, as instituições que perderam sua estabilidade secular e, para isto, foi necessária a união do povo e das classes instruídas.

Se o ideal da burguesia era um Estado centralizado e bem ordenado, ela precisaria expor tais planos para o maior número de pessoas e conquistar adeptos. É nesse ínterim que foram publicados muitos livros e panfletos que buscavam transmitir a inspiração e energia racional para os homens da ação revolucionária. A partir desse exato recorte que se encontra Jean-Paul Marat – um dos líderes mais conhecidos da Revolução Francesa.

Em 1793, a partir de uma edição do *Journal de La République Française*¹, Marat relembra que em 1789, durante a Assembleia Nacional, percebeu a necessidade de uma folha diária em que a linguagem da “verdade austera” fosse lançada para ser ouvida. Por meio dessa publicação, os legisladores seriam lembrados dos princípios, os traidores da pátria seriam desmascarados, as tramas e armadilhas seriam desvendadas e o sino seria acionado diante da aproximação do perigo (Marat, 2013). Três meses mais tarde, esta folha diária viria a se chamar *L’Ami du Peuple*².

Marat não se restringiu, apenas, ao papel de jornalista da revolução. Foi também um ator importante durante os momentos “chave” deste período da história francesa, participou das

¹ Em português : Jornal da República Francesa

² Em português : Amigo do Povo

manifestações e foi eleito para a Assembleia Constituinte. Seus panfletos não se restringiam em narrar as ocorrências políticas. Ele aproveitou seu papel de integrante real da política revolucionária para que plebiscitos, referendos e petições – seus e de seus companheiros – ganhassem conhecimento e apoio popular, bem como para condenar e barrar as demandas dos girondinos. Não foi por acaso que sua aura de “amigo do povo” transcendeu o jornal e incorporou a sua persona política.

Considerado advogado e porta-voz da ala dos jacobinos, Jean-Paul Marat é comumente reconhecido por sempre apoiar as lutas sociais, mas também é apontado como responsável na guinada ideológica e crítica que levou ao “período do terror” na Revolução Francesa. Ao lado de Robespierre e Danton, Marat foi líder emblemático e escritor do “jornal radical mais celebrado pela Revolução” (Darnton e Roche, 1996) e, mais tarde, com a sua morte dramática, símbolo da revolução e dos jacobinos.

Porém, Jean-Paul Marat nem sempre teve essa sede de soberania própria do povo, nem sempre lutou pela abdicação do rei, como fez na petição e criação do Clube dos *Cordeliers*. Ser apresentado como o “ápice do radicalismo” não caracteriza toda a trajetória política de Marat, mas apenas uma parte dela. Essa é apenas uma peça de um quebra-cabeça que contém muitas outras peças. É necessário traçar a ponte entre o intelectual das ciências naturais e o líder radical emblemático e revolucionário da Revolução Francesa.

O presente trabalho busca apresentar a trajetória política de Jean-Paul Marat, evidenciando os processos que influenciaram e motivaram mudanças em seu posicionamento político. O objetivo principal é investigar a construção e transformações políticas de Marat, desde seus primeiros escritos políticos até seu *status* de radical da República. Busca-se, ainda, entender como Marat foi retratado pela historiografia marxista-jacobina, evidenciando a construção e desconstrução histórica dessa personalidade. Com esses objetivos e visando uma organização temporal, a presente pesquisa foi dividida em 4 capítulos.

O primeiro, intitulado “Marat Conservador”, contempla desde a juventude de Marat até o fim do ano de 1791. Esse capítulo é subdividido também em dois âmbitos, o primeiro, “Nasce um amigo do Povo”, destaca os primeiros números do *L'Ami du Peuple* e seus momentos de grande popularidade nos anos de 1790 e 1791, bem como as primeiras opiniões políticas de Marat para a França. O segundo, intitulado “Marat diante da fuga do rei”, contempla o episódio que distorce a postura de Marat e culmina em sua fase mais moderada, em que abdicar totalmente da monarquia era necessário, mas não necessariamente viver uma república.

O segundo capítulo, intitulado “Marat Moderado” também é subdividido em 2

subtítulos. O primeiro, “O Clube dos *Cordeliers*”, demarca o momento em que Jean-Paul Marat se torna mais envolvido com a ala jacobina ao ser convidado para o conhecido clube montanhês e por sua escrita se tornar mais popular, com menção aos sans-culottes e uma opinião levemente contrária à permanência da monarquia como forma de governo, e começam a surgir suas sugestões acerca de um ditador para a França, em detrimento da República. O segundo, “O 10 de agosto e suas consequências”, objetiva encarar os acontecimentos de 10 de agosto como definidores da postura pública de Marat até o fim de sua vida. Além disso, a proximidade entre Marat e a Comuna de Paris é destaque em sua trajetória política na demanda popular e nos seus anos na Convenção Nacional e no Comitê de Vigilância Revolucionária.

O terceiro capítulo, “Marat e a República”, aborda os últimos meses, conturbados e intensos, da vida de Marat. Após a morte do Rei, começam as disputas na Assembleia entre Montanheses e Girondinos e, com a presença do *L'Ami du Peuple* na Convenção, suas denúncias e reclamações se tornam mais frequentes e incisivas, bem como sua postura política, agora adepta à República e, como ele observou, opinou e idealizou a República Revolucionária Francesa. Dentro desse capítulo, há um subtítulo, “A Morte do Amigo do Povo”, que destrincha sobre o assassinato de Marat e as reverberações da morte do jornalista na sociedade e política francesa.

Por fim, o quarto capítulo, intitulado “Marat na História”, apresenta e discute como Marat foi retratado pela historiografia marxista-jacobina. Os autores selecionados foram Jules Michelet, Albert Mathiez, Georges Lefebvre, Albert Soboul e Michel Vovelle. Nesse capítulo, busca-se retratar como essa corrente historiográfica apresentou Marat, destacando como as mudanças na historiográfica influenciaram a caracterização do líder francês.

No plano metodológico, a presente pesquisa, além da bibliografia selecionada, das quais destacam-se Piotr Kropotkin e Louis R. Gottschalk, também se utiliza de fontes documentais, especialmente dos panfletos e jornais publicados por Marat, destacando o *L'Ami du Peuple*. Todo esse material foi digitalizado pela Biblioteca Digital Nacional da França (BnF Gallica) e está disponível para consulta e pesquisa no site <https://gallica.bnf.fr/>. Por fim, destaca-se que este material está em sua língua original, o qual traduzimos de forma independente e com o conhecimento da língua francesa, visando manter o máximo de fidelidade aos posicionamentos e trajetória do revolucionário. As citações são feitas diretamente em português e sua forma original consta nas notas de rodapé do trabalho.

CAPÍTULO 1

MARAT CONSERVADOR

Jean-Paul Marat nasceu em Boudry, no condado de Neufchâtel, atual Suíça, em 24 de maio de 1743. Filho mais velho de Jean Mara, nativo de Cagliari, na Sardenha, e Louise Cabrol, uma genebrina huguenote, Marat tinha mais 4 irmãos e deixou a casa dos pais para estudar pela Europa³, ainda aos 16 anos. Uma peculiaridade é que, originalmente, o revolucionário foi registrado tal qual o sobrenome do pai, por suas origens espanholas, mas – ao que consta em algumas biografias – Jean-Paul e sua irmã afrancesaram ao adicionar o “t” (Tosí,1999).

Os primeiros escritos de Marat não foram panfletos ou manifestos políticos. Marat iniciou-se na escrita pela literatura, escrevendo histórias fictícias. Seu primeiro livro, publicado em meados da década de 1770, “As Aventuras do Jovem Conde Potowski” é um romance glamuroso sobre um grupo de nobres poloneses. Não obstante, já é possível perceber que suas ideias políticas começam a aparecer. Em determinado momento, um personagem que se diz contra os reis dá explicação ao parceiro: “Odeio príncipes maus, mas saiba que adoro os bons. Sim, o sol do céu não vê nada, na minha opinião, mais Augusto na terra do que um rei virtuoso e sábio.” (Marat, 2018, p.35, tradução nossa)⁴. Aqui, Marat pincela o que seria mais tarde sua posição sobre a necessidade de um rei para a manutenção da ordem.

Os primeiros escritos políticos de Marat, datam de 1774 e 1776, escritos em Londres, após finalizar sua formação em medicina. No ano de 1773, Marat publicou a versão ampliada de sua monografia de 1772 “Um ensaio filosófico sobre o homem”, obra que só foi traduzida para o francês em 1775 e oportunizou a imensa crítica de Voltaire a Marat – por esse ter afirmado que “a alma humana estava nas meninges”⁵ (Marat, 2007, p.23, tradução nossa), e não no cérebro ou na glândula pineal, como afirmara Descartes. Em seu trabalho definitivamente político de 1774, “As Correntes da Escravidão”, Jean-Paul Marat tenta demonstrar como reis se tornam déspotas, ao manipularem o clero, o exército, a tesouraria e a legislatura, para se isentarem totalmente da culpa de possíveis infrações. Sua fala mais “revolucionária” era defender a República como a melhor forma de governo para Estados menores: “O governo popular parece natural para os pequenos estados, e a liberdade mais completa é encontrada lá”

³ Ver *Jean-Paul Marat: orné de son portrait; esprit politique accompagné de sa vie scientifique, politique et privée* por François Chévremont

⁴ No original : « Je déteste les mauvais princes, mais sachez que j'adore les bons. Oui, le soleil du haut des cieux ne voit rien, selon moi, de plus auguste sur la terre qu'un roi vertueux et sage. »

⁵ No original : « Les méninges doivent être le siège de L'Ame »

(Marat, 2013, p.24, tradução nossa)⁶. Todavia, esse argumento não era tão destoante assim. Outros filósofos pré-revolução pensavam da mesma forma. Não obstante, nesse período, Marat ainda persiste na fé de uma monarquia que não praticasse abusos.

No prefácio da obra “*Plano de Legislação Criminal*”, publicado em 1780, Marat faz uma reflexão sobre as relações da sociedade e a disposição que cada Estado apresenta frente a criação de um sistema e código penal – de forma que não ocorra conflito com a natureza do governo. É neste mesmo trecho que Marat dedica seus escritos aos “homens livres” (Marat, 2013). Parece até mesmo beber dos pensamentos rousseanicos ao prescrever o Contrato Social orientado pela moralidade – e a quem transigisse, sobraria o temor do castigo. (Marat, 2013, p.7, tradução nossa).

Além das sugestões legais para lidar com a criminalidade nos Estados, Marat também delineia o que seria um bom magistrado e este parece ser o ponto de maior mudança para sua persona revolucionária. De acordo com Marat, o rei, enquanto uma figura “mais bem adaptada para honrar a natureza humana e o divino”, com uma postura representativa e portador de um dever a performar e com responsabilidade para com os seus súditos, poderia sucumbir e usurpar de seus poderes de “perdão” e se voltar para a tirania.

Quando volta a Paris, em 1776, Marat se torna médico do corpo de guardas do Conde d’Artois, o futuro Charles X. Sua preferência pela monarquia aqui também é notável. Esse foi um período próspero para sua carreira médica, uma vez que obteve apoio dos nobres para seus estudos e suas descobertas científicas. Evidencia-se que Jean-Paul Marat, portanto, era um monarquista constitucional como a grande maioria dos pensadores de sua época. (Gottschalk, 1921).

Até 1789, Marat não publicou novos textos com caráter político. Mas, com a efervescência revolucionária, voltou a publicar e expressar seu posicionamento. Em um panfleto intitulado *Offrande à la Patrie*, publicado em maio de 1789, Marat volta a defender ideias liberais e um projeto de uma constituição monárquica liberal. Esse panfleto reflete as ideias de Marat quanto à possível constituição francesa, a partir da convocação dos Estados Gerais. Trata-se da defesa de uma monarquia constitucional. Em sua concepção, o modelo inglês era o exemplo a ser seguido pela França. Ao rei, o papel simbólico do poder, jurisdição sobre assuntos estrangeiros, parcela da administração e direito de realizar assembleias e reuniões. Dessa forma, existiria um afastamento do executivo, o rei, e o legislativo – os Estados-

⁶ No original: « Le gouvernement populaire paraît naturel aux petits états et la liberté la plus complète s’y trouve établie. »

Gerais.

Os escritos seguintes de Marat foram rascunhos do que viria a ser o *L'Ami du Peuple*. A primeira tentativa foi o *Le Moniteur Patriote*⁷, publicação que teve apenas uma edição. Nesse jornal, publicado em 1º de agosto de 1789, Marat lançou críticas a proposta de “Constituição e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Sobre a declaração, Marat afirmou que os redatores realizaram “um trabalho feito às pressas em questões mal preparadas” e que os deputados não se atentavam a um resultado preciso e bem articulado. “(...) como nada é racionalizado nesses projetos, não se encontra a razão de nada. As consequências são desprovidas de princípios, e se o conjunto deles forma a árvore do conhecimento político do comitê, cada máxima é um galho separado do tronco.” (Marat, 2007, p.2-3)⁸. Marat questionou a concentração de poder nas mãos do rei. Neste modelo, a Assembleia cede o poder legislativo aos deputados e ao rei – que tem poder de veto.

Posteriormente, a documentação não diz quando, apenas que foi em agosto, Marat lançou outro documento de 72 páginas que foi intitulado Projeto de Plano de Constituição Justa, Sábia e Livre. Este foi, provavelmente, um ato presunçoso contra os deputados e ministros que tão preguiçosamente formaram o novo contrato francês. Neste documento, Jean-Paul Marat se posiciona como defensor do sufrágio universal – e defende a preservação da separação entre legislativo e executivo – de forma a evitar o despotismo de um “monarca injusto e ambicioso”. Sobre os demais pontos, como até onde iria o poder do rei e como controlá-lo, não houve mudanças em relação à publicação de *Offrande à La Patrie*⁹. Entretanto, mesmo que Marat tenha assumido posições mais progressistas, e até mesmo contrárias ao poder monárquico, na seção “Do Corpo Político”, Marat diz que o corpo político de um Estado deve condizer com sua extensão e, para a França, só cabe a monarquia.

Em um grande Estado, a multiplicidade de assuntos exige a expedição mais rápida, o cuidado com sua própria defesa também requer a maior rapidez na execução de ordens: portanto, a forma de governo deve ser monárquica. É a única que convém à França. (...) a extensão do reino, sua posição e a multiplicidade de suas relações a requerem, e deveriam ser mantidas por tantas razões poderosas, mesmo que o caráter de seu povo permitisse outra escolha. (Marat, 2007, p.17, tradução nossa).¹⁰

⁷ Em português : O Monitor Patriota

⁸ No original : « Mais comme rien n'est raisonné dans ces projets, ou n'y trouve la raison de rien. Les conséquences y sont sans principes et si leur ensemble forme l'arbre des connaissances politiques du comité, chaque maxime est une branche séparée du tronc. »

⁹ Em português : Oferta à Pátria

¹⁰ No original: « Dans un grand État, la multiplicité des affaires exige l'expédition la plus prompte, le soin de sa propre défense exige aussi la plus grande célérité dans l'exécution des ordres ; la forme du Gouvernement doit donc être Monarchique. C'est la seule qui convienne à la France (...) l'étendue du Royaume, sa position et sa multiplicité de ces rapports la nécessitent et il faudroit s'y tenir par tant de raisons puissantes, lors même que le caractère de ses peuples permettroit un autre choix. »

Além disso, ao falar sobre o poder judiciário, Marat destrincha sobre como o aparelho judiciário deveria lidar com o monarca e os processos criminais que poderiam surgir ao curso do governo. E mais uma vez, os traços ingleses falam alto nos planos de Marat quando ele afirma que o Rei só deve ser investigado por seus ministros “por se tratar de uma figura sagrada”.

É plausível concluir, então, que, como afirma Gottschalk (1921), até agosto de 1789, Marat não passava de um “monarquista liberal”, ou seja, sua ambição era apenas de restringir os poderes do rei, mas, jamais aboli-lo. Foi apenas em setembro, um mês depois, quando publicou *Le Publiciste Parisien* que viria a ser o emblemático *L’Ami Du Peuple*, que Marat adotou uma política levemente antimonárquica.

Até então, pode-se afirmar que a trajetória política de Marat teve a influência total de suas vivências, os locais em que esteve e as pessoas com as quais ele interagiu. Assim como todo indivíduo meio ao jogo social, Jean-Paul Marat absorveu as ideias de seu tempo e sua posição política refletia esses meios. Não obstante, esse cenário mudou com a Revolução, a partir do *Le Publiciste Parisien*, com Marat morando na Paris revolucionária e presenciando todo o fervor social. Suas ideias avançaram para a radicalidade junto com os caminhos que a revolução trilhava.

1.1 Nasce um amigo do povo

Um traço importante de Jean-Paul Marat se anuncia no cabeçalho do *L’Ami du Peuple*. A frase recuada a esquerda, - *Vitam Impendere Vero* – anuncia um amontoado de referências históricas muito significativas para a compreensão da persona de Marat. “Consagrar a vida à verdade” surge primeiramente em Juvenal, poeta e satirista romano, mas o sentido proposto por Marat surge com Jean-Jacques Rousseau – filósofo iluminista francês que fundamentou a ideia sobre a natureza humana enquanto boa, antes de corrompida pela sociedade.

Existem aqui dois paralelos a se traçar: O primeiro, Rousseau tal qual Marat, foi perseguido por suas ideias, mas também perseguiu outras lideranças políticas. Sua forma praticamente neurótica de escrever não auxiliava na tolerância geral, assim como o revolucionário francês fazia ao opinar e levantar os ânimos populares. O segundo paralelo e este realmente importante, é que quando Rousseau percebe a frase de Juvenal enquanto seu lema de vida, sua escrita se torna um processo de ressurreição de sentimentos dos ditos acontecimentos – como se experienciasse suas vivências novamente pela escrita. (Freitas,

2006).

Os escritos de Marat na França revolucionária não são somente lembranças, claro, mas a ressalva é ao sentimento contido neles. Esse aspecto tão perceptível nos panfletos do “amigo do povo” é validado pela progressão de eventos quando um deles é publicado e, no dia seguinte, explode uma manifestação. Um exemplo claro são as marchas de 5 e 6 de outubro de 1789, quando as festas extravagantes de Versalhes e um possível golpe de Estado por parte da família Real francesa chegaram aos ouvidos do povo faminto e já irritadiço. Marat, em seu panfleto nº 24, de 04 de outubro de 1789, incitou os nervos populares, a partir da decisão dos ministros e deputados de manterem seus gastos ocultos do povo:

Os cegos foliculares exaltaram a sabedoria deste desígnio, mas apesar dos seus elogios indiscretos, as visões ocultas desta Aristocracia Nascente não me escaparão. A sua resolução é apenas uma cilada grosseira feita para a multidão cega: enquanto os nossos deputados agirem à porta fechada, nunca saberemos exatamente o que se passa entre eles. (...) Com deputados deste calibre, pode-se imaginar como devem correr os negócios! E o que faremos com eles, se continuarem a nos escapar? Eles só têm uma maneira de nos inspirar confiança e de se tornarem dignos da nossa: apenas se comprometerem diante dos olhos do público. Não deixarei de insistir neste ponto primordial, até que tenhamos vencido. (Marat, 2013, p.207-208, tradução nossa).¹¹

No dia seguinte, o jornalista recebe uma carta anônima de um cidadão falando sobre a possível ameaça de um golpe. Até mesmo se refere ao jantar da família real como “orgia” e pede a Marat, uma vez que ele “se mostrou digno da confiança do povo e o único a desvendar as tramas dos traidores” (Marat, 2013, p.217), conselhos ao povo sobre o que fazer diante da eminência da tomada de poder. Eis o que Marat responde e publica, junto da carta de seu leitor:

É certo que a orgia aconteceu; não é menos certo que o alarme é geral(...) Até sabermos como reportar ao Comité Militar a sua conduta (do Rei, família e militares), não há tempo a perder, todos os bons cidadãos devem reunir-se para retirar toda a pólvora de Essone(...) Finalmente, se o perigo se tornar eminente, tudo estará acabado para nós, se o povo não se armar com a força pública. (Marat, 2013, Nº25, p.217-218, tradução nossa)¹²

No mesmo dia, aos gritos sobre buscar o padeiro, a padeira e o padeirinho (Rei, Rainha e príncipe), as mulheres invadiram o palácio Real em Versalhes. Não que Marat seja a força suprema desse movimento. Danton e Loustalot também alimentaram os ânimos e o povo não

¹¹ No original: « D’aveugles folliculaires ont porté aux nues la sagesse de ce dessein. Mais en dépit leur éloges indiscrets, les vues cachées de cette Aristocratie naissante ne m’échapperont point. Leur résolution n’est qu’un leurre grossier fait pour l’aveugle multitude : car tant que nos Députés agiront à huis clos, nous ne saurons jamais exactement ce qui se passe entr’eux (...) Avec des Députés de la trempe de Messieurs du Bureau, qu’on imagine un peu comment doivent aller les affaires ! Et où en serons-nous, s’ils continuent à nous échapper. Ils n’ont qu’un moyen de nous inspirer de la confiance et de se rendre dignes de la nôtre, c’est de ne transiger que sous les yeux du public. Je ne cesserai d’appuyer sur ce point capital, jusqu’à ce que nous l’ayons emporté. »

¹² No original: “Il est constante que l’orgie a eu lieu ; il n’est pas moins constant que l’arme est générale. En attendant qu’on sasse rendre compte au Comité Militaire de sa conduite ; il n’y a pas un instant à perdre, tous les bons citoyens doivent s’assembler pour enlever toutes les poudres d’Essone.(...) Enfin, si le péril devenait éminent, c’en est fait de nous, si le peuple ne s’arme de la force publique. »

aguentava o descaso – mas Marat já vinha tecendo tensas críticas aos ministros por seus gastos e os deputados por suas decisões na Assembleia. Não se pode esquecer que Marat denunciou a Assembleia francesa quando os deputados aprovaram o veto suspensivo do rei, o que para Marat, foi um verdadeiro crime de Estado.

Portanto, esse aspecto abrasivo, tanto na escrita quanto na postura, parecem um rascunho do que viria ser o jornalista considerado “amigo do povo”. Marat percebe o potencial decisivo de sua escrita para a conscientizar e dirigir as massas. Constantemente, em seus panfletos, Marat se dirige aos seus leitores com clamor e pedidos de atenção às tramoias dos traidores da pátria.

Vale ressaltar que episódios que marcaram o início da revolução, como a Queda da Bastilha, não contaram com panfletos ou escritos de Marat. O *L'Ami du Peuple*, que até sua edição 5 chamou-se apenas *Le Publiciste Parisien*, só começou a ser publicado em setembro de 1789, após a proposta de dividir a Assembleia em 2 câmaras¹³. O fato é que ao passo que revolução avançava – Marat continua a relembrar, com um certo saudosismo e orgulho dos franceses, suas movimentações contra o abuso de poder.

Um segundo episódio marcante ocorreu após o assassinato de um padeiro. O Conselho dos Trezentos, da municipalidade burguesa de Paris, movimentou-se até a Assembleia para exigir uma lei marcial. Essa lei dava permissão aos oficiais para dispararem sobre o povo em caso de resistência. Todo ajuntamento era considerado criminoso e se estivesse armado, os instigadores eram condenados à morte, bem como os oficiais que acalorassem as movimentações.

Segundo Kropotkin (2021), Marat foi o único na imprensa francesa a se impor contra essa lei, enquanto na Assembleia, só Robespierre e Buzot se posicionaram contrários – ainda que não totalmente, uma vez que, argumentaram que se fosse instituído um tribunal para julgamento desses indivíduos, eles considerariam cabível. Em seu panfleto nº 34, de 10 de novembro de 1789, Marat explica ao povo o que seria essa lei marcial e em seguida faz uma declaração sobre o cabimento – ou descabimento – dessa atitude:

A lei marcial que proíbe as aglomerações só foi proposta por um inimigo do bem público; só foi obtida por traidores à pátria e só foi concedida por apoiadores da tirania. Que aceitem essas qualificações se não preferirem ser chamados de tolos.”

¹³ A proposta era de criar um Parlamento Bicameral, com inspiração nos britânicos, em que a Câmara Alta – o Senado – seria composta por nobres ou membros da elite servindo como um contrapeso mais conservador às decisões da segunda câmara, a Baixa – também chamada de Assembleia Nacional – majoritariamente composta por representantes populares e posições reformistas.

(Marat, 2013, N°34, p.78, tradução nossa)¹⁴

Mas Jean-Paul Marat já havia anunciado ao povo sobre a possibilidade de uma lei marcial desde o dia 5 de novembro, quando o mandado de prisão referente às marchas de 5 e 6 de outubro foi efetivado. Com uma prisão eminente, o jornalista precisou fugir – primeiro foi a Montmartre e depois para Versalhes – e continuou a escrever aos cidadãos em sigilo. Em seu panfleto n°29, de 05 de novembro de 1789, o “Amigo” clama ao povo:

de lhe dar provas do meu eterno comprometimento. (...) alguns membros corruptos da administração municipal de Paris, em conluio com o ministério e a facção aristocrática da Assembleia Nacional, acabaram de dar o golpe final (...) através da promulgação da Lei Marcial. Com esta lei, a Prefeitura de Paris, sem dúvida, espera amedrontar a parte saudável da Assembleia Nacional, a Milícia Burguesa e o povo, a fim de que não encontrem mais obstáculos a esses planos de despotismo. (Marat, 2013, p.2-4, tradução nossa)¹⁵

Este episódio da lei marcial é extremamente importante no contexto revolucionário pois, a partir dessa medida, o povo percebe o que pretendia a burguesia – subjugar, desarmar e submeter as massas rebeldes. A concepção de que era a partir da Assembleia, a realidade miserável do povo francês se transformaria, foi desmantelada. Ficava evidente que a burguesia havia conquistado e organizado o poder do Estado, sem distribuí-lo com as massas. A burguesia sempre teve medo do povo e só se utilizava de seu fervor como peão do jogo político. (Kropotkin, 2021)

Marat, entretanto, parecia ter começado a entender a importância do povo para mudanças concretas na realidade revolucionária. Ele atribui aos ajuntamentos populares a deserção do exército no Palácio Real, a tomada da Bastilha, a frustração da segunda conspiração e fuga da família real. Neste período, as ressalvas de Marat à monarquia vão se tornando cada vez mais inusuais e substituídas pela aclamação à movimentação popular, e a necessidade de ela ter continuidade:

Eu só vejo os infortúnios, calamidades e desastres de uma grande nação entregue a seus tiranos, acorrentada, saqueada, oprimida, massacrada por séculos inteiros. Quem, entre eles e eu, tem mais razão, humanidade e patriotismo? Eles tentam adormecer o povo, eu tento acordá-lo; eles lhe dão ópio, eu lhe aplico um ácido em suas feridas, e continuarei até que ele tenha recuperado plenamente seus direitos, até que

¹⁴ No original: « La loi martiale qui proscriit les attroupements n'a donc été proposée que par un ennemi du bien public ; elle n'a été arrachée que par des traîtres à la patrie, et elle n'a été accordée que par des suppôts de la tyrannie. Qu'ils agréent ces qualifications s'ils n'aiment mieux recevoir celle d'imbéciles. »

¹⁵ No original : “Je gémissais de ne pouvoir veiller pour le salut du Peuple et je cherche tous les moyens possibles de lui donner des marques de mon éternel dévouement. (...) quelques membres corrompus de la Municipalité de Paris, de concert avec le ministère et la faction aristocratique de l'Assemblée Nationale, viennent de donner le dernier coup de mort au parti patriotique et d'étouffer la liberté dans son berceau par la promulgation de la Loi Martiale. Par cette Loi, l'Hôtel-de-ville se flatte, sans doute, de faire trembler et la partie saine de l'Assemblée Nationale et la Milice Bourgeoise et le peuple, pour ne plus trouver d'obstacles à ces projets de despotisme »

seja livre e feliz. (Marat, 2013, p.79).¹⁶

Como já mencionado na introdução, a Revolução Francesa foi resultado da união entre esferas de pensamento e de ação. Jean-Paul Marat já percebia essa química enquanto alavanca certa para mudanças na França do século XVIII.

Os últimos meses de 1789 foram marcados pelo debate sobre a organização do novo poder. Marat continuou presente nas sessões da Assembleia, redigindo folhetos de resumos detalhados sobre considerações dos parlamentares. Em janeiro de 1790 foi emitido um novo mandado de prisão e Marat precisou se refugiar na Inglaterra, por 4 meses. Era o começo da luta entre realza e Assembleia. O rei reconhece a Assembleia Nacional, mas já começa a tramar uma fuga e, posteriormente, um golpe.

Posteriormente, próximo ao aniversário de 1 ano da queda da Bastilha, Luís XVI clamou-se rei dos franceses, ao invés de rei da França, e jurou fidelidade à constituição. A festa da federação, data celebrativa de um ano da Queda da Bastilha, foi “uma das mais belas festas populares de que a história conserva recordação” (Kropotkin, 2021, p.175) e com os juramentos, uma constituição e uma Assembleia Nacional. Pela primeira vez em anos, criou-se um sentimento de união e solidariedade na França. Nasce uma revolução mais otimista e sonhadora com o novo caminho político em detrimento do ano anterior, pelo menos para quem fazia parte da esfera realmente privilegiada pela revolução até então (Kropotkin, 2021, p.175-176). Para Marat, já tendo retornado a França, esse sentimento não fazia sentido:

Além disso, por que essa alegria desenfreada? Por que esses aplausos insensatos? Por que essas manifestações estúpidas de regozijo? (...) a revolução ainda é um sonho doloroso para o povo; e se é um bem para alguém, é para os canalhas que vendem seus direitos aos ministros; para os intrigantes e os trapaceiros que conduzem grandes negócios. (Marat, 2013, p.3, tradução nossa).¹⁷

Segundo Kropotkin, a revolução passou por uma suspensão no ano de 1790, por conta das condições econômicas no campesinato, do conflito tenso entre burguesia e o povo pela disputa de poder e pela falta de atos concretos. A assembleia cumpriu a tarefa de destruir os poderes e instâncias do Antigo Regime, mas havia um abismo entre a lei e a prática e quem mais tinha perspectiva desse cenário eram os camponeses.

¹⁶ No original : “Je ne vois que les malheurs, les calamités, les désastres d'une grande nation livrée à ses tyrans, enchaînée, pillée, vexée, foulée, opprimée, massacrée pendant des siècles entiers. Qui, d'eux ou de moi, a le plus de raison, d'humanité, de patriotisme ? Ils s'efforcent d'endormir le peuple, je m'efforce de le réveiller ; ils lui donnent de l'opium, je lui verse de l'eau forte dans ses blessures, et j'en verserai jusqu'à ce qu'il soit pleinement rentré dans ses droits, jusqu'à ce qu'il soit libre et heureux. »

¹⁷ No original : “Pourquoi cette joie effrénée ? Pourquoi ces applaudissements insensés ? Pourquoi ces témoignages stupides d'allégresse? (...) la révolution n'est encore qu'un songe douloureux pour le peuple : et si elle est un bien pour quelqu'un, c'est pour les scélérats qui vendent ses droits aux ministres ; pour les intrigant et les fripons qui mènent des grandes affaires. »

Por mais que Marat parecesse frustrado com a falta de retorno às necessidades do povo – ele mesmo, após retornar da Inglaterra, já havia passado por episódios de fome, desabrigo e desamparo, citado em pequenos desabafos nos folhetins – sua posição pró-monarca ainda resistia. Em uma edição publicada em agosto de 1790, desvinculado ao *L'Ami du Peuple*, sob o título de *On nous endort, prenons-y garde*¹⁸, Marat dá a entender que as ações e denúncias contra o rei eram resultados das condutas de seus péssimos ministros. Na última página, pela nota de rodapé, Marat afirma:

Não é que, nas atuais circunstâncias, a morte de Luís XVI seja uma verdadeira desgraça para a nação, não como seus vis escravos o entendem, mas porque ele é precisamente o homem de que precisamos: sem planos, sem artifício, sem astúcia, sem sutileza, pouco temível para a liberdade pública. Ele seria um bom príncipe se tivesse o discernimento necessário para escolher ministros sábios. No entanto, seus ministros cruéis tornam seu reinado tão infeliz quanto o de tiranos. (Marat, 2014, p.12, tradução nossa)¹⁹

Os próximos dois anos seriam decisivos para a mudança de postura de Marat para com Luís XVI, e para a revolução como um todo. Segundo Kropotkin (2021), depois do susto com o ataque popular em 1789, os nobres, ricos e sacerdotes passaram a procurar meios para sufocar a ação do povo. A partir do verão de 1790, até o de 1792, que a Revolução Francesa sofreu um processo de estagnação e o cabo de guerra entre contrarrevolução e revolucionários predominou o cenário francês da época.

O movimento contrarrevolucionário foi bastante expressivo, principalmente no interior francês. Nancy, ao leste de Paris, passou por um agosto extremamente sangrento após soldados se revoltarem contra oficiais que não prestavam suas contas aos regimentos, o embate entre patriotas e realistas resultou em uma verdadeira chacina. Nesse período, a escrita de Marat parecia ter ficado mais fervorosa, principalmente considerando a censura e a dificuldade de circulação de seus panfletos após ter voltado da Inglaterra. Em seu quarto manuscrito, no mês de agosto, Marat redigiu sobre o desenrolar da conspiração em Nancy:

Céus justos! Todos os meus sentidos se revoltam, e a indignação aperta meu coração. (...) Sim, os soldados da guarnição de Nancy são inocentes; eles estão sendo oprimidos, resistem à tirania, têm o direito de fazê-lo; apenas seus líderes são culpados, é contra eles que seus golpes devem ser dirigidos. A Assembleia Nacional (...) O que é ela? Apenas uma gangue de inimigos da Revolução, conspiradores, traidores e conspiradores. (Marat, 2017, p.7, tradução nossa)²⁰

¹⁸ Em tradução livre: “Estamos sendo colocados para dormir, vamos ter cuidado.”

¹⁹ No original : “Ce n’est pas que dans les conjonctures actuelles la mort de Louis XVI ne fut un vrai malheur pour la nation ; non comme l’entendent ses vils esclaves : mais parce qu’il est précisément l’homme qu’il nous faut : sans projets, sans astuce, sans finesse, peu redoutable à la liberté publique, il serait un bon prince, s’il avait assez de tact pour avoir des ministres sages : mais hélas ministres atroces rendent son règne aussi affreux que celui des tyrans. »

²⁰ No original: « Juste ciel ! Tous mes sens se révoltent, et l'indignation serre mon cœur. (...) Oui, les soldats de la garnison de Nancy sont innocents ; ils sont opprimés, ils résistent à la tyrannie, ils en ont le droit; leurs chefs

A partir do Massacre de Nancy, Marat se distancia ainda mais de Luís XVI, mas ainda não o renega totalmente. Seus panfletos dirigidos ao rei eram em tom de advertência, mas sobretudo úteis à Luís XVI. Para o jornalista, houve contribuições da Assembleia e dos realistas para o ocorrido, mas sobretudo, o monarca esteve ciente do que acontecia e não fez nada para desviar o curso sanguinário no interior francês. De “chefe dos conspiradores da pátria” a “o inimigo mais mortal da Revolução”, Marat vai destrinchando suas opiniões sobre o monarca e, por muitas vezes, instiga os planos traidores do rei e cumplicidades com emigrantes para um plano de fuga.

Por mais que fossem maus nomes, Marat ainda confiava no poder da monarquia e que o rei apenas estava sendo contaminado pela corrupção de seus ministros e membros da Assembleia. Os panfletos tomam um teor de advertência, com sugestões de posturas e atos por parte do rei para se retratar para com o povo francês. No ano de 1791, por exemplo, Jean-Paul Marat escreve, em 15 de janeiro, “uma palavra ao Rei”, antecedida de cartas de seus leitores relatando sobre a situação das tropas austríacas nas fronteiras francesas e a ameaça de uma fuga do Conde de Mirabeau e outros funcionários da alta classe francesa.

Neste trecho do jornal, Marat se direciona ao rei como “Sire”, uma variável de “pai” na língua francesa, utilizada para se dirigir a um rei ou alguém de alto status. A escrita de Marat parece uma súplica a Luís XVI: “Sire (...) você jurou cem vezes manter com todas as suas forças a Constituição, a justiça e a liberdade; são belas palavras; mas precisamos de ações;” (Marat, 2015, p.8, tradução nossa).²¹

Ao se dirigir ao rei, Marat faz sugestões, indica a necessidade de exonerar o contrarrevolucionário Bouillé, apontado como principal responsável pelo caso de Nancy, e demais antirrevolucionários. Também orienta para que o rei peça aos seus primos da Espanha e Sardenha, bem como a Leopoldo II, seu cunhado, para não intervirem em assuntos franceses e para retirarem suas tropas das fronteiras. Marat finaliza sua carta com a definitiva de que Luís XVI precisava se reafirmar enquanto rei dos franceses:

Apenas com essas ações, a nação poderá reconhecer que a mentira não habita em seus lábios, nem a traição em seu coração (...) , ela se assegurará de que você é amigo da justiça, da paz e da liberdade; (...) seja justo, mereça o amor dos franceses, e tema que os conselhos pérfidos de seus favoritos não o tornem a fábula do universo. (Marat, 2015, Nº341, p.8, tradução nossa)²²

sont seuls coupables, c'est sur eux que doivent tomber vos coups : l'Assemblée nationale (...) Qu'est-elle? qu'une bande d'ennemis de la Révolution, de conjurés, de traîtres et de conspirateurs. »

²¹ No original: « Sire (...) vous avez juré cent fois de maintenir de toutes vos forces la Constitution, la justice et la liberté : voilà de belles paroles; mais il nous faut des effets. »

²² No original: « A ces traits seuls, la nation pourra reconnaître que le mensonge n'habite pas sur vos lèvres, ni la trahison dans votre cœur; (...) elle s'assurera que vous êtes l'ami de la justice, de la paix et de la liberté (...) soyez

1.2 Marat diante da fuga do rei

Ao longo de 1791, seguem rumores e novos levantes por parte da reação armada e Marat continua a receber os avisos do povo sobre os planos do Rei, a complacência da Assembleia e os perigos que corria a Revolução. Os realistas idealizavam o plano de fuga desde setembro de 1789 com o intuito de alocar o rei em segurança na fronteira e de dominar a Revolução, a partir dos emigrados e tropas alemãs à disposição.

Não somente os realistas favoreciam esse plano, os revolucionários burgueses imaginavam que, com a saída dos Bourbon, quem subiria ao trono seria Filipe de Orléans e que se outorgaria uma Constituição burguesa. O plano era perfeito para o êxito da revolução, sem necessidade de passar pelo processo das temidas revoltas populares. Entretanto, o povo deteve o projeto quando, em 21 de junho de 1791, na cidade de Varennes-en-Argonne um grupo de civis cercou a carruagem real e obrigou os viajantes a descerem.

Luís XVI foi reconhecido e precisou sair de seu disfarce de criado, queixando-se dos perigos que a família real corria se continuasse em Paris. O povo, porém, logo entendeu que o rei pouco se importava com a situação da família e que tudo se tratava de uma grande traição. Luís XVI continuou detido até o amanhecer e foi levado de volta a Paris ao som dos gritos de “Viva a Pátria!” e “À Paris!” (Kropoktin, 2021, p.218). No mesmo dia do retorno do Rei, Marat publica a edição sobre o assunto.

Sobretudo, o amigo do povo argumenta que a fuga do rei já era planejada há meses e que todo o aparato estatal auxiliou para que o plano se concretizasse: os comitês estrangeiros, como o austríaco, forneciam aparatos formais, comitês da Assembleia Nacional auxiliaram no planejamento da fuga e as forças armadas trabalharam na questão fronteiriça. Mais adiante, no mesmo panfleto, Marat também comenta sobre como o povo estava vivendo o infortúnio que trouxe para sua cabeça, graças a “sua confiança cega e segurança fatal”, como se o próprio não houvesse aconselhado manter o rei no trono (Marat, 2013). É possível encarar como o “Amigo do Povo” desvia de sua própria verdade, por meses o jornalista disse ao povo para crer na figura do rei, que Luís XVI era um bom governante, mas corrompido por seus ministros. Quando a fuga acontece, a “responsabilidade” por terem o rei que têm se torna do povo por confiar demais em um soberano “perjuro, sem fé, sem pudor, sem remorso” (Marat, 2013, p.3). Uma vez acontecido o sermão de Marat, o jornalista não deixa escapar o conselho sobre o que fazer.

juste, méritez l'amour des Français, et craignez que les conseils perfides de vos favoris ne vous rendent la fable de l'univers. »

Já que o rei havia traído a pátria, muito se discutia sobre o que fazer quanto ao trono francês. Algumas possibilidades eram a regência por parte do duque de Orléans, a Assembleia assumir o poder ou, a mais temida por todos, a República. Marat foge de todas essas opções e propõe um tribuno militar – uma espécie de ditador:

(...) nomear imediatamente um tribuno militar, um ditador supremo para lidar com os principais traidores conhecidos. (...) Este é o momento de cortar as cabeças dos ministros e de seus subalternos (...) ou estareis perdidos sem recursos. (Marat, 2015, p.6-7, tradução nossa)²³

Além da sugestão de um ditador para a França, negando constantemente a alternativa republicana, essa faceta radical de Marat parece prenunciar o próximo momento-chave revolucionário. Quando sugere “cortar as cabeças dos ministros e de seus subalternos”, é possível compreender o primeiro traço do “amigo do povo” para a fase dita “período do terror” da Revolução Francesa. Ao fim do panfleto sobre a fuga do Rei, Marat lança previsões pessimistas, caso o rei retornasse ao trono sem nenhuma advertência ou pena:

Até agora fiz tudo o que estava ao alcance humano para vos salvar; se negligenciareis este conselho salutar, o único que me resta para vos dar, não tenho mais nada a dizer-vos e despeço-me de vós para sempre. Dentro de alguns dias, Luís XVI retomará o tom de um déspota, em um manifesto insolente, os chamarão de rebeldes se não vos antecipardes ao jugo. (...) virá desarmar vocês; todos vocês e o amigo do povo, cujo último suspiro será pela pátria e cuja voz fiel ainda vos convoca à liberdade, terá como túmulo um forno ardente. (Marat, 2015, p.7-8, tradução nossa)²⁴

Visto a posição de Marat, é necessário entender qual era o panorama popular sobre os últimos acontecimentos. O povo atua na Revolução Francesa como a engrenagem que faz a máquina revolucionária funcionar e que “a cada momento crítico da Revolução, toma a direção dos negócios e domina os políticos” (Kropotkin, 2021, p.218). O povo esperava que, uma vez comprovada a traição do Rei, dariam continuidade ao desenvolvimento do curso revolucionário: o fim do trono real francês, a aniquilação das instituições feudais e a instauração da República. Entretanto, ao mesmo tempo que o povo influenciava no movimento, ela também assustava os burgueses frente esses momentos de ação – o temor de um levante popular era maior do que qualquer invasão ou plano realista.

²³ No original: « (...) un tribun militaire, un dictateur suprême pour faire main basse sur les principaux traîtres connus. (...) Voici le moment de faire tomber la tête des ministres et de leur subalternes (...) ou vous êtes perdus sans ressource. »

²⁴ No original: « Jusqu'à présent j'ai fait pour vous sauver tout ce qui était au pouvoir humain ; si vous négligez ce conseil salutar, le seul qui me reste à vous donner, je n'ai plus rien à vous dire, et je prends congé de vous pour toujours. Dans quelques jours Louis XVI reprenant le ton d'un despote, dans un manifeste insolent, vous traitera de rebelles si vous n'allez vous-mêmes au-devant du joug (...viendra vous désarmer; tout ce qu'il y a parmi vous de chauds patriotes seront arrêtés, les écrivains populaires seront traînés dans les cachots, et l'ami du peuple dont le dernier soupir sera pour la patrie et dont la voix fidèle vous rappelle encore à la liberté, aura pour tombeau un four ardent. »

No dia seguinte à fuga do rei, bustos de Luís XVI e inscrições reais foram destruídos, as seções e o corpo municipal de Paris se proclamavam contra os reis. Evidencia-se que o povo estava disposto a derrubar a realeza e a república era o anseio final de toda a movimentação. Enquanto isso, a Assembleia se aproveitou e tomou as rédeas, assumindo o poder executivo, lidando com as relações diplomáticas e dando ordem aos ministros como se o rei já não existisse mais – apesar de não ter feito a abdicação. Por uma quinzena, a França esteve sem rei.

Durante julho de 1791, crescia no interior das sociedades populares e fraternais, como os franciscanos, a defesa da deposição do Rei. No entanto, a Assembleia ainda repudia a república e reitera a manutenção de uma monarquia constitucional. Em 15 de julho, foi publicado o decreto que inocentava Luís XVI e formalizava a posição de criminoso a quem reclamasse a continuidade da revolução. A postura da Assembleia foi o estopim para novas manifestações, Kropotkin (2021) diz:

Eis que o povo de Paris se levantava, armava e pedia o seguimento da revolução: a república, a abolição dos direitos feudais, a igualdade sem frases. (...) Não, antes o rei traidor, antes a invasão estrangeira do que o êxito da revolução popular! (Kropotkin, 2021, p.220)

Se Luís XVI retornasse ao trono, retomaria as conspirações com países estrangeiros e continuaria a empacar o curso revolucionário – seja negando assinaturas em decretos ou simplesmente não colaborando com a Assembleia. Marat também não parecia contente, alguns dias antes ele já vinha escrevendo ataques contra todos os personagens possíveis: A Assembleia era comparada a uma “cadela prostituta de Luís XVI” (Marat, 2015, p.3, tradução nossa)²⁵, a corte e o clero eram feitos de “víboras e serpentes”, os comitês por “camaleões” e o tribunal por “raposas” (Marat, 2015, p.8, tradução nossa).²⁶ Além disso, ele reitera que o povo francês estava fadado à anarquia e à miséria até que nomeassem um tribuno militar para aniquilar os criminosos da pátria.

Com Luís XVI declarado inocente, alguns republicanos começaram a se organizar para protestar contra a decisão – a ideia era que no dia 17 de julho se realizasse um intenso movimento popular no Campo de Marte contra a realeza, junto da assinatura de uma petição contra a presunção de inocência do monarca. Como se tratava de um movimento de teor republicano e que pedia a abdicação do rei, a burguesia contrarrevolucionária da Assembleia reuniu a guarda nacional, que foi instruída a atirar contra o povo – desarmado – uma vez que a lei marcial havia sido declarada. Este episódio ficou conhecido como “Massacre do Campo de

²⁵ No original : « J’ai comparé l’auguste assemblée à une garce prostituée à Louis XVI »

²⁶ No original : « (...) les serpents de la cour, les vipères du clergé, les renards du barreau, les caméléons des comités? »

Marte”.

Marat era um dos autores da petição, apesar de não apoiar os fins republicanos, e junto dos demais precisou se ocultar por um tempo – já que, de acordo com o decreto, eles haviam se tornado criminosos. Segundo Kropotkin (2021), Marat precisou se ocultar por meses, sem ter onde se abrigar à noite, mesmo sendo o revolucionário popular que era.

A junção do decreto e do massacre, fez com que Marat adquirisse um sentimento de derrota em relação a revolução pelos meses seguintes. A mudança de Assembleia Constituinte para Legislativa, a restrição dos direitos eleitorais do povo e a volta definitiva de Luís XVI ao trono instalam a descrença de que qualquer mudança significativa durante a Revolução, estaria fadada ao conluio estatal instalado. “Amigos da pátria, esta farsa é o túmulo da liberdade nascente; os novos pais conselheiros não valem mais do que os antigos.” (Marat, 2015, N°608, p.8)²⁷

É importante ressaltar que a contrarrevolução só ganhou mais força depois dos feitos populares e, com o rei inocentado, não demorou muito para que as alas realistas ganhassem força. A Assembleia não se preocupava mais em discutir assuntos de grandes dimensões, como a questão do pão, decretos contra os abusos do clero. Nos meses seguintes, só se tratou de assuntos de ordem secundária – em que revolucionários e contrarrevolucionários ainda conflitavam, mas sem abordar o tema da República.

²⁷ No original: « La seconde législature n'est pas moins pourrie que la première. »

CAPÍTULO 2

MARAT MODERADO

O ano de 1791 se encerrou com a Assembleia Legislativa já eleita e se mostrando extremamente leal a Luís XVI. O povo se preocupava com decretos e pão, ambos proporcionalmente escassos desde outubro. Por sua vez, o rei voltava a tramar uma nova invasão pelo Leste com a ajuda de Dumouriez, general girondino. As previsões do “amigo do povo” pareciam tornar-se realidade, ao passo que o povo agora contava com uma Constituição tão burguesa quanto a anterior:

O que não fiz eu para te abrir os olhos? Hoje não resta nenhum meio de evitar tua ruína, e teu fiel Amigo não tem mais nenhum outro dever além de lamentar teus tristes destinos, de derramar sobre teus desastres tão prolongados lágrimas de sangue. (Marat, 2015, p.8, tradução nossa)²⁸

Marat, por exílio ou desgosto, foi para Londres em 15 de dezembro de 1791 e só retornou para a França em março pelos rumores de que entrariam em guerra com a Áustria. O *L'Ami du Peuple* só volta a circular, ainda às escondidas, em abril, graças ao divisor de águas definitivo para o radicalismo de Marat: O Clube dos *Cordeliers*.

2.1 O Clube dos *Cordeliers*

O retorno de Jean-Paul Marat em 12 de abril de 1792 é marcado por um panfleto introduzido pelo próprio Clube dos *Cordeliers* ou Sociedade dos Amigos dos Direitos do Homem e do Cidadão. Nesta espécie de preâmbulo ao panfleto, o Clube diz reconhecer a “penetração, os princípios e o civismo ardente do Amigo do Povo” e encara sua retirada como uma verdadeira calamidade pública (Herbert e Leroi, 2015, p.1, tradução nossa)²⁹. Além das considerações sobre a importância de Marat para a sociedade francesa, o Clube atesta a preocupação com a veracidade dos panfletos, uma vez que o nome de Marat se tornou motivo subornável para fajutos publicarem em seu nome. Portanto, os panfletos passariam a ter um preâmbulo escrito pelo próprio Clube para provar que eram realmente de Marat:

(...) a Sociedade sentiu a necessidade de lhe enviar este decreto, para ser colocado à cabeça dos seus primeiros números, como prova irrefutável de que é realmente ele quem os publica, se é que mesmo os leitores mais incultos podem deixar de reconhecer

²⁸ No original: « Que n'ai-je pas fait pour te déssiller les yeux ? Aujourd'hui il ne reste aucun moyen de prévenir ta ruine, et ton fidèle Ami n'a plus d'autres devoirs à te rendre que celui de déplorer tes tristes destinées, que celui de verser sur tes trop longs désastres des larmes de sang. »

²⁹ No original: « La Société des Droits de l'Homme et du Citoyen connaissant la pénétration, les principes et l'ardent civisme de L'Ami du Peuple, regarde sa retraite comme une vraie calamité publique »

o seu toque. (Herbert e Leroi, 2015, p.2, tradução nossa)³⁰

Neste panfleto, o Amigo do Povo começa opinando sobre o cenário político francês, no qual uma guerra contra o Império Romano-Germânico era iminente, mesmo com a morte do Rei Leopoldo II. Para Marat, essa guerra não passava de uma tentativa do Senado e da Corte, os “eternos inimigos da revolução”, de evitar um levante do povo (Marat, 2015, p. 3). Ao decorrer do jornal, Marat reafirma que não se podia esperar nada de diferente de uma Assembleia constituída por conspiradores adormecidos e que cabia ao povo reivindicar a revogação dos decretos que o prejudicavam. O povo também devia compreender as arquiteturas dos inimigos da revolução, uma vez que seu levante era temido pela Corte, Senado e outras potências europeias. (Marat, 2015)

Mas para se levantar contra os abusos, é preciso conhecê-los. Desenvolver os vícios da constituição, indicar o remédio, formar o espírito público, desmascarar os traidores, frustrar as maquinações, será o estudo constante do amigo do povo, assim como a felicidade da nação será constantemente o objeto de seus votos. (Marat, 2015, p.8, tradução nossa)³¹

Uma semana depois do panfleto que inaugura a volta de Marat, a França declara guerra ao rei da Bulgária e Hungria, governada por Francisco II, sucessor direto de Leopoldo. Na declaração, a Assembleia deixa claro que sua intenção não era de uma guerra entre povos, mas sim de uma guerra de defesa da liberdade e dos interesses franceses (Arnaud, 2012).³²

Os anseios da ala dos girondinos era de incitar uma guerra, prevendo a invasão do território francês, de modo que a revolução fosse interrompida e os direitos de Luís XVI restaurados. Nem a Assembleia ou a Corte escondiam os planos sobre a invasão. Não era segredo o conluio com o rei Leopoldo II, principalmente após a tentativa de fuga frustrada. O rei da França fez uma mudança no corpo ministerial, e chamou para o poder girondinos para lidar com assuntos e negócios exteriores e marinha (Kropotkin, 2015,p.225), mas as mudanças serviram de apoio para a reação que logo se apressou em formalizar a declaração de guerra, com o apoio do corpo ministerial. Jaurès, um dos autores do arcabouço bibliográfico de Kropotkin, confirma que a guerra, mesmo que fatal, foi a demonstração escolhida para “testar a lealdade equivocada do rei” em detrimento dos movimentos revolucionários, uma vez que

³⁰ No original : « La Société a cru devoir lui adresser le présent arrêté, pour être mis à la tête de ses premiers numéros, comme une preuve irrécusable, que c'est réellement lui qui les publie, si tant est que les lecteurs la moins instruits puissent méconnaître sa touche. »

³¹ No original: « Mais pour s'élever contre les abus, il faut les connaître. Développer les vices de la constitution, en indiquer le remède, former l'esprit public, démasquer les traîtres, déjouer les machinations, sera l'étude constante de l'ami du peuple, comme le bonheur de la nation sera constamment l'objet de ses vœux. »

³² No original: « L'Assemblée déclare que la Nation Française (...) de n'entreprendre aucune guerre dans la vue de faire contre la liberté d'aucun peuple, ne prend les armes que pour le maintien de sa liberté et son indépendance. »

havia uma descrença da Assembleia quanto aos êxitos:

(...) no final de 1791, os revolucionários democráticos já não acreditavam mais no espírito revolucionário do povo. E, para dizer a verdade, a própria Revolução havia comprimido com tanta frequência os movimentos populares em seus esforços decisivos que parecia natural não contar mais com um impulso tão frequentemente reprimido. (Jaurès, 2007, p.815, tradução nossa.)³³

A última vez que Marat aconselha, ao menos no mês de abril, sobre a Guerra Franco-Prussiana, é no panfleto do dia 19 de abril, Nº 634. Nesta publicação, Marat relata que foi de pretensão de Luís XVI e da própria Assembleia incitar a guerra, sendo essa “a única maneira de distrair a nação dos assuntos internos para ocupá-la com assuntos externos” (Marat, 2015, tradução nossa)³⁴, ou seja, atrasar a Revolução. Além disso, Marat volta a reafirmar a premissa de colocar um ditador no poder para livrar a França de seus inimigos internos e externos:

Para evitar que esse sangue precioso seja derramado, propus centenas de vezes um meio infalível: manter Luís XVI, sua esposa, seu filho, sua filha e suas irmãs como reféns entre nós e torná-los responsáveis pelos acontecimentos. Que bom senso não teve o povo para sentir a necessidade de finalmente escolher um ditador supremo, cujos poderes são circunscritos de tal forma que, sem autoridade para dominar, ele tem uma autoridade ilimitada para derrubar os líderes dos conspiradores, designados pelo voto público, para forçar o legislador corrupto a tomar a cabeça dos reis, príncipes e generais que virão em armas contra nós. (Marat, 2015, p.7-8, tradução nossa.)³⁵

O mês de maio foi marcado pela Assembleia tentando se equilibrar entre a guerra e os assuntos internos, mas toda e qualquer pauta mais revolucionária era evitada pelos parlamentares. Marat passa por alguns pormenores, principalmente por suas críticas aos generais e ministros envolvidos na guerra se tornarem pauta de denúncia na Assembleia Legislativa.

Em 3 de maio, o deputado Jean Claude Beugnot afirmou que havia “jornalistas incendiários” incitando os soldados a massacrar seus generais – os jornalistas em questão seriam Marat e Royou, abade e autor do *L'Ami du Roi* (Vermorel, 2012, p.200, tradução nossa)³⁶. A Assembleia acatou a denúncia e o *L'Ami du Peuple* ficou sem ser publicado por

³³ No original : « (...) mais à la fin de 1791, les révolutionnaires démocrates ne croyaient plus au ressort révolutionnaire du peuple. Et à vrai dire, la Révolution elle-même l'avait si souvent comprimé, elle avait si souvent contrariés les mouvements populaires en leurs efforts décisifs qu'il semblait naturel de ne plus compter sur un élan tant de fois refoulée. »

³⁴ No original : « l'unique moyen de distraire la Nation des affaires du dedans pour l'occuper des affaires du dehors (...) »

³⁵ No original : « Pour l'empêcher de couler ce sang précieux, j'ai proposé cent fois un moyen infallible ; c'est de tenir en otage parmi nous, Louis XVI, sa femme, son fils, sa fille, ses sœurs, et de rendre responsable des événements. Que le peuple n'avait-il assez de sens pour sentir la nécessité de se choisir enfin un dictateur suprême, dont les pouvoirs soient circonscrits de manière que sans autorité pour dominer, il en ait une illimitée pour abattre les chefs de conspirateurs, désignés par la voix publique, pour forcer le législateur corrompu à mettre à pris la tête des rois, des princes et des généraux qui viendront en armes contre nous. »

³⁶ No original: « Le député Beugnot dénonce à la tribune, le 3 mai, les provocations par lesquelles l'Ami du peuple invite les soldats à massacrer leurs généraux »

toda a segunda semana de maio, retornando apenas em 14 de maio, quando aborda o assunto em primeira instância.

A edição Nº650 já apresenta no primeiro item do “resumo” do panfleto “O ataque de raiva da augusta Assembleia, durante o qual atacou o pobre Amigo do Povo e fingiu atacar o vil Amigo do Rei”(Marat, 2015)³⁷. O panfleto abre com a explicação de como toda a denúncia aconteceu e os deputados favoráveis e contrários á cassação dos jornais. Além disso, o jornalista realça que o jornal contrarrevolucionário, *L'Ami du Roi*, não sofreu a mesma perseguição que “o mais zeloso dos defensores dos direitos do cidadão”, o próprio Marat, sofreu:

Seria preciso ser muito cego para não ver que a assembleia apenas lançou um decreto de acusação contra mim para destruir a liberdade de imprensa, esmagando os escritores patrióticos, na pessoa do amigo do povo. (...) é que não deram o menor passo, seja contra Royou, seja contra o seu impressor: enquanto quinhentos delatores foram montados para descobrir Marat e saquearam a gráfica do seu editor: Royou silenciosamente em casa continuando as suas páginas antipatrióticas (...) enquanto todos os aguazis do exagero estão nos calcanhares de Marat e de seu editor (...) (Marat, 2015, p.4, tradução nossa)³⁸

A segunda resposta de Marat se direcionou ao segundo apontamento de Beugnot. O deputado e toda a ala dos realistas, girondinos e contrarrevolucionário se ofendeu com o apontamento feito no panfleto Nº645, no qual Marat disse que a maioria dos homens na Assembleia seria feita de capangas do despotismo, traidores na nação e que os generais estavam levando os batalhões ao massacre e que, a única esperança seria o exército abrir os olhos e fazerem de seus líderes as primeiras vítimas (Marat, 2015). Quanto a esse posicionamento, Marat relata ter sido levado pelas premissas, suas deduções eram meras consequências das ações desses homens:

Eles me consideram um crime por ter previsto que a atual legislatura seria mais gangrenosa que a anterior. Será minha culpa se nossos legisladores não são conduzidos de maneira que me façam parecer um falso profeta? Eles me consideram um crime por ter previsto que os generais e líderes do exército levariam suas tropas para a matança e entregariam as barreiras do reino ao inimigo. Será minha culpa se, nas únicas expedições que foram feitas até hoje, esses pérfidos líderes já justificaram minhas previsões? (Marat, 2015, p.7-8, tradução nossa)³⁹

³⁷ No original: « L'accès de rage de l'auguste Assemblée, durant laquelle a mordu le pauvre Ami du Peuple, et a fait semblant de mordre le vil Ami du Roi »

³⁸ No original: « Il faudrait être bien aveugle pour ne pas voir que l'assemblée n'a lancé un décret d'accusation contre moi que pour anéantir la liberté de la presse, en écrasant les écrivains patriotiques, dans la personne de l'ami du peuple (...) c'est qu'on n'a pas fait la moindre démarche, si contre Royou ni contre son imprimeur : tandis qu'en a mis sur pied cinq cents mouchards pour découvrir Marat et qu'on a saccagé l'imprimerie de son éditeur : c'est que Royou tranquillement chez lui à continuer ses feuilles antipatriotiques ; tandis que tous les alguazils de la pousse sont aux trousses de Marat, et de son publicateur (...). »

³⁹ No original : « Ils me font un crime d'avoir prédit que la législature actuelle serait plus gangrenée que la précédente. Est-ce que ma faute si nos faiseurs de décrets ne sont pas conduits de manière à me faire passer pour faux prophète ? Ils me font un crime d'avoir prédit que les généraux et les chefs de l'armée, conduiraient leurs troupes à la boucherie et livreraient à l'ennemi les barrières du royaume. Est-ce que ma faute si dans les seules expéditions qui ont été faites jusqu'à ce jour, ces chefs perfides ont déjà justifié mes prédictions ? »

Marat finaliza seu panfleto dizendo que compareceria ao tribunal para responder ao seu “crime”, desde que ele fosse justo e à moda inglesa. Nele, não hesitaria em condenar os loucos e terríveis opressores a ponto de se tornarem objeto de repulsa pública (Marat, 2015,p.8). É importante destacar que, após essas acusações, os panfletos de Marat tornaram-se menos frequentes e mais espaçados. De maio a agosto, foram apenas 29 periódicos. Nos anos anteriores, essa era a média mensal do Amigo do Povo.

Após esse episódio, houve uma queda na periodicidade do jornal: a denúncia de Beugnot não foi a única contra Marat na Assembleia, essa chegou a declarar multa e prisão para cidadãos franceses ou estrangeiros que fossem encontrados “acobertando” Jean-Paul Marat (Vermorel, 2012, p.201). A clandestinidade resultou numa espécie de aposentadoria de Marat na frente jornalística. Porém, apesar de suas aparições sazonais, Marat continuou a orientar o povo, mesmo que fora da sequência de acontecimentos e com perdas significantes, como comentários sobre o 20 de junho, a primeira jornada dos sans-culottes ao Palácio das Tulherias.

Segundo Kropotkin (2021), as sete semanas entre 20 de junho e 10 de agosto, quando a família real é rendida, foram da mais alta importância para o curso da revolução. Nesse intervalo de tempo, houve a declaração de “pátria em perigo” – visto a invasão alemã – e logo o povo francês entende que houve sim traição do rei. A partir de então, foi retomado o embate entre a camada popular, que pedia abdicação ou suspensão do papel de Luís XVI, e a Assembleia que, caso fosse necessária a deposição de Luís XVI, pendia mais para a regência do que à República. Foi nesse contexto, mais precisamente no dia 27 de junho, que 500 voluntários marseheses chegam a Paris cantando a primeira versão da “*Marseillaise*”, atual hino nacional francês, pedindo a abolição da realeza.

Enquanto isso, as seções parisienses temiam que uma nova revolta ocorresse. Os girondinos enviaram uma carta ao rei anunciando a possível insurreição que derrubaria o trono. Kropotkin (2021) cita um panfleto de Jacques Brissot para explicar que o real medo era “uma revolução popular que se atingisse as propriedades (...) de se verem igualados e reduzidos ao nível da grande multidão” (Kropotkin, 2021, p.243).

Marat, por sua vez, ressurgiu com uma edição em 7 de julho, uma semana antes do aniversário da Queda da Bastilha, discursando sobre a desilusão e a frustração com os resultados da Revolução Francesa até então. Intitulado “O plano da revolução absolutamente ignorado pelo povo”, Marat faz uma crítica à traição dos ideais revolucionários, à corrupção dos líderes e à opressão contínua do povo, agora sob o pretexto da lei e da liberdade:

Há três anos que nos agitamos para recuperar nossa liberdade e, no entanto, estamos mais longe dela do que no primeiro dia; jamais fomos tão subjugados. (...) Sob o novo

regime, a lei que deveria nos defender, só serve para nos oprimir (...) estamos entregues sem defesa à ganância de nossos próprios agentes; e o que é o cúmulo do horror, eles nos esmagam em nome da justiça, nos sobrecarregam de ferros em nome da liberdade; impedem-nos de revelar os traidores que abusam de nossos poderes para nos destruir. (Marat, 2015, p. 1-2, tradução nossa).⁴⁰

Marat faz uma leitura interessante para entender o porquê da estagnação revolucionária. O povo dotado de força e motivação, infelizmente, se encontra sozinho no processo de luta, uma vez que as classes superiores só se apoiaram na camada popular para se manifestar contra o déspota e seus privilégios. Quando o quadro de privilégios sofre modificação, as classes abastadas se viram contra o povo para manter seus privilégios conquistados graças à força popular. Mesmo assim, em momento algum, nos 29 periódicos de Marat, até 10 de agosto, ele menciona ou defende a República.

Dez dias depois, quando foi descoberta a traição do Marquês de Lafayette e Luckner que planejavam levar o rei, no dia 16, e colocá-lo na liderança das tropas que enfrentariam os jacobinos em Paris, Marat publicou um novo panfleto no dia 18 de julho. Nele, o Amigo do Povo diz que um “certo cidadão clarividente” não parou de apontar sobre a índole do “grande general, o herói de dois mundos, o imitador de Washington, o imortal restaurador da liberdade” (Marat, 2015, p.1, tradução nossa)⁴¹. Uma clara alfinetada a Lafayette, que participou do processo de independência dos Estados Unidos e, no momento, comandava o exército “contra” os prussianos. Sobre Luckner, Marat argumenta que ele não passava de um traidor reconhecido e vil, por ter acobertado suas traições com mentiras:

(...) porque é falso que ele tenha sido forçado a voltar para dentro de nossas muralhas, por falta de gente, para penetrar no país inimigo (...) não o vimos se prestar covardemente a escrever para a Assembleia as cartas de impostura que a Corte lhe ditava e assinar as petições (...) para agitar os departamentos e incendiar a guerra civil, sob o pretexto de investigar supostos ataques contra a majestade real. (Marat, 2015, p.2, tradução nossa)⁴²

No fim do panfleto, Marat propõe tornar o rei, e sua família, reféns em uma espécie de manifestação contra a invasão estrangeira. Entretanto, essa proposta o levou a um certo

⁴⁰ No original: Depuis trois ans, nous nous agitions pour recouvrer notre liberté, et cependant nous en sommes plus éloignés qu'au premier jour; jamais nous ne fûmes plus asservis (...) Sous le nouveau régime, la loi qui devrait nous défendre, ne sert qu'à nous opprimer (...) nous sommes livrés sans défense à la merci de nos propres agents; et ce qui est le comble de l'horreur, ils nous accablent au nom de la justice, ils nous chargent de fers au nom de la liberté ; ils nous empêchent, e dévoiler les traîtres qui abusent de nos pouvoirs pour nus perdre ; ils nous punissent de résister aux prévaricateurs qui abusent de nos forces pour nous opprimer.

⁴¹ No original : « le grand général, le héros des deux mondes, l'émule de Washington, l'immortel restaurateur de la liberté

⁴² No original: « car il est faux qu'il ait été forcé de rentrer dans nos murs, faute de monde, pour pénétrer dans le pays ennemi (...) ne l'a-t-on pas vu se prêter lâchement à écrire à l'assemblée les lettres d'imposture que la cour lui dictait et signer les pétitions pour soulever les départements et pour allumer la guerre civile, sous prétexte de rechercher de prétendus attentats contre la majesté royale. »

afastamento, dos jacobinos, salvo os *sans-culottes* que aprovaram a sugestão do Amigo do Povo (Kropotkin, 2021, p.245). Seu último panfleto no mês de julho foi no dia 22, quando expôs os motivos para seu afastamento, Marat explica que o corpo legislativo sempre favoreceu, e protegeu os complôs contrarrevolucionários e a maior prova foi o mandado de prisão a Marat, após sua sugestão ousada contra o rei. Visto esse cenário, o jornalista escreve ter se desesperado a respeito do assunto público e largou sua pena, mesmo que com pesar:

Inacessível a todos os truques de sedução: nem ouro, nem ameaças, nem perigos, jamais me fizeram variar por um momento; os ataques dos inimigos da pátria só aumentaram minha audácia (...). Sacrifiquei meu descanso, minhas vigílias, minha saúde, meu estado e o cuidado de minha vida para sua (da liberdade) salvação. Por três anos consecutivos, sem esse ambiente de perigos e aliados, não tive um dia sereno, nem uma noite tranquila. Durante dezoito meses a espada da tirania foi erguida contra meu peito: hoje ela ainda paira sobre minha cabeça. (Marat, 2015, p.2-3, tradução nossa.)⁴³

Além de atestar todos os seus esforços, Marat também continua a criticar a Assembleia, formada por uma “coleção de capangas despóticos escolhidos pela cabala da corte” e que não representava o povo, mas sim, os cidadãos ativos que puderam participar da eleição, ou seja, menos de 1/6 da população francesa. Para ele, a Revolução continuaria patinando em seu progressismo, já que era orientada por uma constituição repleta de vícios e que, dela, só deveria manter a declaração de direitos. O resto deveria ser apagado (Marat, 2015, p.5):

Você só terá verdadeiros representantes quando todos os membros do Estado, de idade razoável e de boa moral, participarem livremente da escolha de seus delegados; e você só terá leis verdadeiras quando os decretos de seus representantes receberem a sanção de todos esses membros do Estado. (...) Se, por algum milagre inesperado, a liberdade se erguer de suas ruínas, tenho uma última oferta a fazer ao país: o desenvolvimento de todos os vícios da constituição e a tabela de todos os decretos a serem reformados para garantir a liberdade. (Marat, 2015, p.8, tradução nossa).⁴⁴

Após esse panfleto, devido a ameaças constantes, Marat seguiu sem publicar por duas semanas, o que implicou diretamente em sua influência pública no ato de 10 de agosto. A França estava em uma situação de “transição”, uma revolução estava acontecendo há três anos e o Antigo Regime continuava – com uma realza forte, uma Assembleia contra o povo e um regime feudal ainda subsistente. Mas a estabilidade do Antigo Regime foi posta em questão novamente após a descoberta da traição de Lafayette e Luckner por parte do povo.

⁴³ No original: « Inaccessible à tous les artifices de séduction : ni l'or, ni les menaces, ni les périls, ne m'ont jamais fait varier un instant ; les attentats des ennemis de la patrie n'ont fait qu'augmenter mon audace (...) J'ai sacrifié à votre salut mon repos, mes veilles, ma santé, mon état, le soin de mes jours. Pendant trois années consécutives, sans ces environne de périls et d'alliâmes, je n'ai pas eu un jour serein pas une nuit tranquille. Pendant dix-neuf mois le glaive de la tyrannie a été levé sur mon sein : aujourd'hui encore il est suspendu sur ma tête. »

⁴⁴ No original: Vous n'aurez de vrais représentants que lors que tous les membres de l'état, en âge de raison et de bonnes mœurs, concourront librement au choix de vos délégués ; et vous n'aurez de véritables lois que lorsque les décrets de vos représentants auront reçu la sanction de tous ces membres de l'état.(...) Si par quelque miracle inattendu la liberté venait à renaître de ses ruines, j'ai une dernière offrande à faire à la patrie, le développement de tous les vices de le constitution et le tableau de tous les décrets à reformer pour assurer la liberté

Um ataque ao Palácio das Tulherias começou a ser planejado pela movimentação popular das províncias e de Paris. Por mais que alguns estivessem temerosos, Robespierre incluso, eles teriam que apelar para o mais receoso dos temores burgueses: o povo. Foram necessárias a reação de 20 de junho, uma invasão estrangeira e a eminência de um golpe de Estado para que os deputados se organizassem para convocar a manifestação popular.

Houve um acordo prévio entre Danton, Robespierre, Marat, Robert e outros líderes de opinião com o povo, por mais que, “Robespierre odiava tudo em Marat (...) no entanto, foi falar com Marat para combinar os meios de sublevar outra vez o povo” (Kropotkin, 2015, p.249). Era claro que, se nada fosse feito, a realeza triunfaria com o golpe que era planejado nas Tulherias desde 1791, ano da tentativa de fuga do rei. O acordo era que essas lideranças não se opusessem ao movimento popular, mas sim, o amparassem e, quando tudo foi pactuado, restava ao povo agir enquanto os homens do Estado fingiam normalidade – tanto é que inocentam Lafayette em 8 de agosto como demonstração de que não se planejavam movimentos contra a realeza.

As seções elegeram uma Comuna Revolucionária ou insurrecional, e uma Comuna Legal, cada uma teve um papel nas atividades do 10 de agosto. A Comuna insurrecional foi responsável por organizar a invasão da prefeitura e o Palácio das Tulherias, que já estavam repletos de realistas e suíços. O golpe de Estado também estava programado para o dia 10. A Comuna Insurrecional de 1792 surge a partir da união das sessões, que, abarrotadas de novas funções com o início da guerra, urgiam por uma união direta. Com a manifestação do 20 de junho, os *sans-culottes* dessas mesmas sessões passam a organizar a invasão às Tulherias, caso não fosse feita justiça ao povo pela Assembleia Legislativa. Foi o que aconteceu e no *Hôtel de Ville*, onde deliberaram essa nova frente revolucionária que se tornou o centro de animação da França Republicana. A partir do 10 de agosto, a Comuna de Paris⁴⁵ se torna o termômetro de ação e apaziguamento da população parisiense, foi ela quem garantiu o livre desenvolvimento da força popular. (Jaurès, 2024).

O rei Luís XVI, ao ver o palácio rodeado pela Paris dos pobres e auxiliada pelas guardas nacionais, se lembrou dos acontecimentos de 20 de junho e fugiu para a Assembleia, deixando tropas suíças encarregadas do povo revoltado:

Suíços comandados por oficiais da corte atiraram sobre o povo, amontoando mais de quatrocentos cadáveres no patim da escada. Isso decidiu o fim da jornada. Aos gritos de: *Traição! Morra o rei! Morra a Austríaca* (...) e daí a pouco os Suíços furiosamente assaltados pelo povo, foram desarmados ou chacinados. (Kropotkin, 2015, p.253)

⁴⁵ Governo revolucionário estabelecido em Paris, composto por revolucionários radicais, ligados aos *sans-culottes* (classes populares) e que desempenhou um papel crucial em vários momentos decisivos, como a organização dos Movimentos de Setembro.

Enquanto isso, a Assembleia só agiu quando o povo chegou na sala das sessões, ameaçando o rei, sua família e os deputados que fossem contra a deposição. É importante entender que, mesmo com a realeza sendo deposta, ninguém do corpo legislativo cogitou a República, apenas suspenderam provisoriamente o chefe do executivo e depois de três dias, transferiram a família real para a Torre do Templo, onde foram mantidos reféns até a morte.

Marat publicou independentemente, ou seja, fora do jornal *L'Ami Du Peuple*, uma carta aos “franceses patriotas”. Ainda temeroso em ser preso, Marat escreveu às pressas um panfleto em que diz sempre ter previsto os males e derrotas da Revolução e que “nunca deixou de zelar por sua salvação” (Marat, 2012, p.217). Além disso, Marat apontou que o 10 de agosto era a possibilidade do trunfo da liberdade se todas as vantagens fossem bem aproveitadas e que o povo deveria se apressar em derrubar, bem como derramar o sangue, de membros corrompidos da municipalidade, dos departamentos e da Assembleia Nacional – o inimigo mais formidável do povo – para que fatalidades como o Campo de Marte não se repetissem, em prol do cuidado com a segurança pública (Marat, 2012, p.218). Quanto a família real, deveria ser mantida como refém até o julgamento final e moeda contra os austríacos e prussianos para que se mantivessem longe das fronteiras francesas. Jean-Paul Marat também não se esqueceu da absolvição de Lafayette e pediu para que esse decreto fosse rescindido:

(...) exijam a convocação de uma Convenção Nacional para julgar o rei e reformar a constituição; e, acima de tudo, que os membros não sejam nomeados por um eleitorado, mas pelas assembleias primárias. (...) Por fim, faça com que a assembleia de seus opressores atrozmente coloque um preço nos Capetos fugitivos, traidores e rebeldes. Tremam, tremam por deixar escapar uma oportunidade única, que o gênio tutelar da França lhes proporcionou, de sair do abismo e garantir sua liberdade. (Marat, 2012, p.219, tradução nossa)⁴⁶.

2.2 O 10 de agosto e suas consequências

Por mais que o movimento de 10 de agosto tenha sido emblemático, seus resultados não foram contundentes. A Assembleia concordou apenas em suspender Luís XVI, declarar a deposição era completamente diferente e aos poucos o corpo legislativo foi relaxando com Luís XVI. Entretanto, as circunstâncias não estavam a favor da família real, após a tomada das Tulherias e da prisão da realeza, começou uma espécie de investigação nos aposentos reais. “Todos os dias, chegavam à tribuna da Assembleia, às sessões da Comuna e à imprensa, novas

⁴⁶ No original: “(...) exigez la convocation d’une Convention nationale pour juger le roi et réformer la constitution ; et surtout que ses membres ne soient pas nommés par un corps électoral, mais par les assemblées primaires. (...) Enfin, faites mettre à prix par l’assemblée de vos atroces oppresseurs les Capets fugitifs, traîtres et rebelles. Tremblez, tremblez de laisser échapper une occasion unique, que le génie tutélaire de la France vous a ménagée pour sortir de l’abîme et assurer votre liberté.

provas das conspirações urdidas nas Tulherias antes do 10 de agosto” (Kropotkin, 2021, p.258)

Mas Luís XVI ainda tinha o apoio da monarquia prussiana que ameaçou marchar até Paris. O plano era abolir a Constituição, reestabelecer o rei, dar fim às duas assembleias e seus decretos, bem como morte a todos os revolucionários. A presença alemã acalmava a família real que, mesmo refém, continuava a conspirar uma tomada de poder realista e essa ameaça foi facilmente apreendida pelo povo, que correu para se alistar e partir para as fronteiras. Eram esperadas tropas de oitenta mil prussianos em Paris entre os dias 5 e 6 de setembro (Kropotkin, p.259). A aura estagnadora da Revolução parecia querer se instalar novamente, a burguesia capta o novo teor igualitário que a revolta adotou e persiste com a realeza, seja por dar coroa ao Delfim ou a qualquer candidato francês, até mesmo estrangeiro. Não importava a quantidade de provas, os crimes de Luís XVI continuavam ignorados pelo corpo político e, consequentemente, ignoravam os dois mil mortos pelos defensores do palácio, segundo uma correspondência do embaixador de Gênova (Vovelle, 2012, p.37).

Marat também expressa seu descontentamento com tudo que vinha acontecendo. Na edição de 16 de agosto de 1792, Nº679, ele orienta colocar um preço de “Seis milhões de francos na cabeça de cada Capeto fugitivo, traidor e rebelde” (Marat, 2015, p.4, tradução nossa)⁴⁷ como a única forma de garantir que complô algum fosse levado adiante e de colocar um fim na guerra franco-prussiana. Atribui também, principalmente à Comuna, a tarefa de armar os cidadãos da capital para que Paris sobrevivesse à invasão, pressionar o julgamento dos traidores e que a venda dos bens dos emigrados fosse metade compartilhada entre os cidadãos que ajudaram a tomar as Tulherias (Marat, 2015). Por fim, Marat explica que os comissários da comuna já vinham realizando muitas de suas sugestões e diz que previu tudo que estava ocorrendo:

Eu previ para Mottié (Marquês de Lafayette) que ele seria a fábula das nações e a besta negra do povo (...) Eu previ para Bailly (prefeito de Paris) que ele será enforcado (...). Há um ano, previ que a raça dos Capetos seria destruída: aqui está ela, muito perto de sê-lo. (Marat, 2015, p.7-8, tradução nossa)⁴⁸

Marat não estava mentindo. No dia 17 de agosto, após pressão da Comuna, a Assembleia ordena que um tribunal criminal fosse formado para investigar os crimes reais. Constituído por oito juízes e oito jurados, a Assembleia ainda tenta segurar investigações nas Tulherias e as provas de conspiração, entretanto, não precisavam ir muito a fundo em busca de provas. “Papéis

⁴⁷ No original: « Mettre à prix par un décret les têtes des Capets fugitifs, traîtres e rebelles, six millions sur chaqu'une »

⁴⁸ No original: “J’ai prédit à Mottié qu’il serait la fable des nations et la bête noire du peuple (...) J’ai prédit à Bailly qu’il seroit pendu (...). J’ai prédit, il y a un an que la race des Capets seront détrônée : la voilà bien près d’en descendre. »

encontrados nas Tulherias (...) são encontrados documentos comprometedores (...) carta dos príncipes, lista de folhetos e libelos contra a Assembleia e jacobinos” (Kropotkin, 2021, p.262).

No dia 22 de agosto, foi descoberta a traição de Lafayette, que prendeu comissários da Assembleia enviados para comunicar sobre o 10 de agosto e tentou avançar sobre Paris – com a aprovação de Luckner. Entretanto, suas tropas não o seguiram e Lafayette precisou ultrapassar as fronteiras com seu Estado-maior. O general acabou caindo nas mãos dos austríacos e foi encarcerado. Bailly, prefeito de Paris, foi responsável pelo massacre do Campo de Marte, foi guilhotinado em novembro de 1793 – uma das previsões que Marat não pode ver e comemorar. Além disso, a Comuna realizou buscas e apreendeu armas dos realistas enquanto armavam o povo.

Os panfletos de Marat começaram a ter sempre o direcionamento, anteriormente citado, à Comuna. Kropotkin (2021) diz que a Comuna, a partir do 10 de agosto, falava à França inteira com a força de seus voluntários, sublevando o povo para tentar salvar a Revolução. Jean-Paul Marat compreendeu a importância das decisões da Comuna e, como dito pelo próprio, ele era um dos “chefes de opinião” e integrante do Comitê de Monitoramento Revolucionário, iniciado em 11 de agosto. Esse trabalho, inclusive, foi o que deixou o Amigo do Povo ocupado pelo mês de setembro, tendo apenas quatro panfletos publicados. Mas antes de setembro, Marat pode ter influenciado outra movimentação.

Em seu último panfleto de agosto, Marat voltou a opinar sobre as responsabilidades das mortes em Nancy, Campo de Marte e nas Tulherias. Na última folha do panfleto, Marat reforça o quanto a Assembleia foi responsável pelos massacres contra os patriotas e como ele esteve certo em pisotear na “augusta Assembleia”. Por último, um parágrafo que se tornou chave para acusações e menções de Marat como um agitador:

Eu digo que, se os decretos da assembleia devem ser obedecidos cegamente, os soldados suíços são inocentes, não temos o direito de puni-los, apenas seus oficiais são culpados, eles merecem ser arrastados e esquartejados como Luís Capeto e seus capangas do carrossel (conspiradores realistas). Convido os defensores dos soldados a fazer valer a pena esse grande meio; é o melhor método para fazer com que as pessoas sintam a abominação dos decretos iníquos dos pais conscritos e a necessidade urgente de reformular a constituição. (Marat, 2015, p.8, tradução nossa)⁴⁹

Semanas depois, em 1º de setembro, descobertos os planos das forças prussianas contra a França (Kropotkin, 2021, p.266), a Comuna fechou as barreiras, tocou o sino e deu o tiro de

⁴⁹ No original: « Je dis que s’il faut obéir aveuglément aux décrets de l’assemblée, les soldats suisses sont innocents, on n’a pas le droit de les punir, leurs officiers seuls sont coupables, ils méritent d’être écartelés comme Louis Capet et ses suppôts du manège. J’invite les défenseurs des soldats de faire valoir ce grand moyen ; c’est la meilleure méthode de faire senti l’abomination de décrets iniques des pères conscrit et la nécessité urgente de refondre la constitution. »

alarme para que os voluntários fossem ao Campo de Marte para irem às fronteiras no dia seguinte. Enquanto isso, Paris se encaminhou para as prisões onde alguns conspiradores estavam detidos e para a Abadia para a qual alguns padres presos foram transferidos. O resultado foi um conflito que durou entre 2 e 3 de setembro que impressionou a Comuna, uma vez que ela não havia convocado o povo para tal. As reivindicações eram a morte dos realistas presos desde o 10 de agosto, pois se acreditava que conspirações, entrada de armas e assinados falsos eram planejados nas prisões. A força do povo tomou tamanhas proporções que a Guarda Nacional não quis intervir. (Kropotkin, 2021, p.272)

A Comuna publicou uma circular redigida pelo próprio Marat, na qual atacava a Assembleia e elogiava a Comuna porque “nada negligenciou para merecer o bem da pátria, a circular ainda narrou os acontecimentos e recomendou que os demais departamentos franceses tivessem Paris como um exemplo, bem como divulgassem a circular por todos os departamentos:

(...) novas conspirações não menos atrozes foram tramadas em silêncio (...) alguns dos ferozes conspiradores detidos nas prisões foram condenados à morte pelo povo; atos de justiça que lhe pareciam indispensáveis "para conter, pelo terror, as legiões de traidores escondidas dentro dos seus muros (...) (Marat, 2012, p.227-228, tradução nossa)⁵⁰

O povo estava impaciente com a Assembleia. Girondinos e realistas temiam a mortandade que a Revolução rapidamente ganhara. Muitos fugiram, aterrorizados pelos acontecimentos e outros não ousavam se apresentar, consequentemente quando foram convocadas as eleições no meio de setembro. O resultado foi o triunfo do Clube dos Franciscanos e dos Jacobinos, bem como o que Kropotkin chamou de “a lista de Marat”. As eleições foram feitas por sufrágio quase universal, mas ainda em dois graus⁵¹ e, em 21 de setembro de 1792, abriu-se a Convenção Nacional “considerada o verdadeiro tipo, o ideal de uma assembleia revolucionária” (Kropotkin, p.279).

Marat publica seu último panfleto com o nome de Amigo do Povo. Nele, faz críticas ao prefeito de Paris, Jérôme Pétion, por não ter apoiado a província de Paris na tomada das Tulherias e por ter se mostrado “um homem indeciso, fraco, covarde e inimigo declarado das medidas vigorosas exigidas pelos perigos da pátria” (Marat, 2015, p.4, tradução nossa).⁵² Além

⁵⁰ No original: « Dès lors de nouveaux complots non moins atroces se sont tramés dans le silence (...) une partie des conspirateurs féroces détenus dans les prisons a été mise à mort par le peuple; actes de justice qui lui ont paru indispensables "pour contenir par la terreur les légions de traîtres cachés dans ses murs (...) »

⁵¹ Primeiro, os cidadãos elegiam as assembleias eleitorais e estas nomeavam os deputados à Convenção.

⁵² No original : « vous vous êtes continuellement montré comme un homme indécis, faible, pusillanime, ennemi déclaré des mesures de vigueur que commandaient les dangers de la patrie. »

disso, relata que, como sempre, Marat já desconfiava de sua capacidade enquanto magistrado e que com a Convenção Nacional organizada, lhe restavam temores e uma sugestão nada inédita.

Um ditador para a França:

Uma única reflexão me oprime: todos os meus esforços para salvar o povo darão em nada, sem uma nova insurreição. Vendo o temperamento da maioria dos deputados na convenção nacional, fico desesperado com a segurança pública. Se nas primeiras oito sessões todas as bases da constituição não forem lançadas, não espere mais nada dos seus representantes. Você (o povo) está destruído para sempre, cinquenta anos de anarquia o aguardam, e você só sairá dela através de um ditador, um verdadeiro patriota e estadista. Ó povo tagarela, se vocês soubessem como agir! (Marat, 2015, p.8, tradução nossa).⁵³

A Convenção Nacional, muitas vezes, é considerada “o ideal de uma assembleia revolucionária” (Kropotkin, 2021). Formada por 749 deputados eleitos às pressas e sem campanha eleitoral, tinha por objetivo suceder a Assembleia Nacional e enfrentar, não só a questão da Guerra, mas trazer o caráter mais republicano à revolução, apesar de a grande maioria dos deputados eleitos representar a burguesia em seus mais diversos níveis. Não restrita apenas à questão legal, a Convenção criava Comitês para assuntos de defesa, finanças, segurança e outros, tinha uma rotatividade quinzenal de presidentes e o principal propósito: dar fim à monarquia.

Logo na primeira sessão, a Convenção pronunciou a abolição da realeza na França e logo, o resto das províncias seguiu o exemplo, inclusive Marselha, que estava pedindo a proclamação de uma República desde 10 de agosto. A partir de então temos a configuração da Montanha, Gironda e Planície – ou Pântano. A montanha, nesse momento, é composta por jacobinos, como Robespierre – eleito vice-presidente -, Saint-Just, Danton, Marat e outros, apesar de ainda não ter sido constituído como partido político, representava a união daqueles que queriam a continuidade da Revolução e embrutecer a República – mesmo que eles não tivessem dito essa palavra até então.

Com essa declaração, Marat finaliza as atividades no *L'Ami du Peuple* e inaugura outro jornal: Jornal da República Francesa.

⁵³ No original : « Une seule réflexion m'accable, c'est que tous mes efforts pour sauver le peuple n'aboutiront à rien, sans une nouvelle insurrection. A voir la trempe de la plupart des députés à la convention nationale, je désespère du salut public. Si dans les huit premières séances toutes les bases de la constitution ne sont pas posées, n'attendez plus rien de vos représentants. Vous êtes anéantis pour toujours, cinquante ans d'anarchie vous attendez, et vous n'en sortirez que par un dictateur, vrai patriote et homme d'état. O peuple babillard, si tu savais agir ! »

CAPÍTULO 3

MARAT E A REPÚBLICA

Com a nova fase da Revolução Francesa, Jean-Paul Marat também passa por mudanças. Seu novo periódico, *Journal de La République Française*, agora conta com os subtítulos de “Marat: “Amigo do Povo e Deputado na Convenção Nacional” e com uma nova epígrafe, de acordo com o novo capítulo da história francesa, “*Ut redeat miseris, abeat Fortuna superbis*”⁵⁴, um dos versos da obra “*Epistola Ad Pisones*” de Quinto Horácio, poeta e sátiro da Roma Antiga. É importante entender que a “Fortuna” dita por Horácio, por estar sem epíteto, é referida como “boa sorte” ou “boa fortuna” (Maciel *et al*, 2013), não é possível afirmar se o que Marat pensou com a escolha dessa frase foi a fortuna em sinônimo de riquezas.

Segundo Kropotkin (2021, p.211), pode ser que sim. Desde o início da Revolução até a queda dos jacobinos em 1793, a conservação da propriedade privada “passa como um fio negro” por toda a trajetória revolucionária e que só Marat se atreveu a colocar em seu jornal uma frase como essa. Entretanto, não são muitos os números, desde o *L’Ami du Peuple* que Marat cita a reforma agrária ou opina sobre o assunto. A maior ousadia foi ter solicitado a divisão dos bens de valor dos emigrados leiloados para o povo, momento já citado no capítulo anterior.

O primeiro número do *Journal de la République Française*, publicado em 25 de setembro de 1792, discute sobre a primeira sessão da Convenção Nacional. O destaque desse panfleto é a segunda parte, a qual Marat intitula “A nova caminhada do autor”. Nesta seção, Marat relembra sobre as perseguições e calúnias que sofreu desde o 10 de agosto de 1792 até então e sobre seu potencial de previsão dos principais eventos da revolução em que “o patriota louco se passou por profeta” (Marat, 2015, p.5, tradução nossa)⁵⁵. O novo deputado da Convenção Nacional também relata que houve deturpação de suas sugestões quando sugerido um ditador:

O que restava aos inimigos do país fazerem para tirar a confiança dos meus concidadãos? (...) distorcendo minhas opiniões sobre a necessidade de um tribuno militar, um ditador ou um triunvirato, para punir as maquinações planejadas pelo Legislativo, pelo governo e pelos tribunais até então seus cúmplices (...) Uma medida que poderia ser tomada sem qualquer inconveniente, limitando sua duração a alguns dias e limitando a missão dos oficiais à punição proposta dos maníacos, pois ninguém no mundo está mais revoltado do que eu com o estabelecimento de uma autoridade arbitrária (...) Aliás, foi por civismo, filantropia e humanidade que senti que deveria aconselhar essa medida severa, ordenada pela salvação do império. (Marat, 2013, p.5,

⁵⁴ Tradução: que a Fortuna se volte aos miseráveis e abandone os soberbos. (Maciel, Bruno, et al. p.27)

⁵⁵ No original : « (...) le fou patriote a passé pour prophète. »

tradução nossa)⁵⁶

Frente ao seu novo título de deputado, Marat diz que “será testemunha das maquinações dos traidores da pátria, sem clamar pela espada da vingança popular sobre suas cabeças” (Marat, 2013, p.8) e que variantes, como amor-próprio ou obstinação, não obstruiriam sua sabedoria, pois “morreria de dor antes de cometer esse erro”. Finaliza o panfleto com uma síntese do que se trataria no jornal substituto ao *L'Ami du Peuple*, reconhecido pelo próprio Marat como extremamente popular:

(...) revelar os complôs, desmascarar os traidores, defender os direitos do povo, prestar conta sobre os trabalhos da Convenção bem como acompanhar seu funcionamento e relembrar, aos membros que se afastarem, dos princípios e consagrar seu esclarecimento a nova constituição que será dada a França (...) (Marat, 2013, p.8, tradução nossa)⁵⁷

Kropotkin discute essa perseguição que Jean-Paul Marat expõe. Os Girondinos, desde a suspensão do rei, concentravam esforços para evitar a concretização da Revolução aos moldes populares e passaram a dirigir seus ataques aos jacobinos, principalmente contra Danton, Marat e Robespierre, acusados por tendências ditatoriais. “(...) se esperava ver Danton voltado ao ostracismo, e Marat ao cadafalso.” (Kropotkin, 2021, p.288).

Depois da Convenção, outro momento importante é o processo do rei, que começa em outubro e é finalizado apenas em janeiro de 1793. Apesar de inúmeros motivos, desde a tentativa de fuga de *Varennes* em 1791 até a invasão dos prussianos na França, longas e demoradas sessões custaram à Convenção até o veredicto sobre Luís XVI, afinal a Gironda empreendeu todos os mecanismos para adiar o processo do rei: “A Gironda fez tudo para evitar que o processo se realizasse, que ele chegasse a uma condenação, que essa fosse a morte e que ela fosse aplicada (Kropotkin, 2021, p.299).

Entretanto, com a denúncia do serralheiro Gamain, o julgamento de Luís XVI não pôde mais contar com a sorte. No dia 20 de novembro, Rolland, ministro do Interior, apresentou à Convenção Nacional a confissão do empregado responsável pela manutenção dos aposentos reais, em que ele admite a existência de um armário secreto nas Tulherias feito a pedido de Luís

⁵⁶ No original : « Que restait-il à faire aux ennemis de la patrie pour m'ôter la confiance de mes concitoyens? (...) en dénaturant mes opinions sur la nécessité d'un tribun militaire, d'un dictateur ou d'un triumvirat, pour punir les machinations projetées par le Corps législatif, le gouvernement et les tribunaux jusqu'ici leurs complices (...) mesure qui pourrait être prise sans inconvénients, en limitant sa durée à quelques jours et en bornant la mission des préposés à la punition prévôtale des machinateurs, car personne au monde n'est plus révolté que moi de l'établissement d'une autorité arbitraire (...) Au demeurant, c'est par civisme, par philanthropie, par humanité que j'ai cru devoir conseiller cette mesure sévère, commandée par le salut de l'empire. »

⁵⁷ No original: “dévoiler les complots, démasquer les traîtres, défendre les droits du peuple, rendre compte des travaux de la convention, suivre sa marche, rappeler aux principes ses membres qui s'en écartèrent, et consacrer mes lumières à la nouvelle constitution qui sera donnée à la France. (...)”

XVI. Com a descoberta dos documentos comprobatórios dos esquemas do rei com as nações estrangeiras, legisladores da Assembleia e tropas licenciadas (Kropotkin, 2021, p.299), deu-se início ao processo com maior publicidade possível e sem contestações sobre a culpabilidade de Luís XVI. Marat não se posicionou contra o julgamento do rei em nenhum momento e, apesar de proclamada a República, ele não parecia confiar em seu êxito, enquanto o corpo real estivesse vivo. Quando as cartas de Maria Antonieta foram encontradas, Marat alertou sobre a continuidade dos complôs que circundavam as Tulherias:

O despotismo parece ter sido derrubado, o déspota é um prisioneiro, a monarquia é banida, os partidários da realeza são silenciados, uma nova forma de governo é adotada, tudo parece anunciar o triunfo da república e, no entanto, a pátria está longe de triunfar e a liberdade de ser consolidada. (Marat, 2013, p.4, tradução nossa)⁵⁸

Em dezembro, quando de fato se iniciou o processo, Marat teceu seus comentários. Refutou quem se utilizou da constituição, que protege o rei de acusações e tentativas de abdicação, dizendo que “a abdicação de Luís Capeto começou quando os prussianos, austríacos e rebeldes invadiram a França” (Marat, 2013, p.8, tradução nossa)⁵⁹ e que ele não tinha superioridade alguma perante a constituição, portanto, o rei era parte da classe dos cidadãos e deveria ser julgado como tal. Em seu segundo comentário, panfleto do dia 5 de dezembro de 1792, Marat comentou sobre como deveria ser feito esse julgamento: “O ex-monarca deve ser julgado por um simples tribunal estadual, composto por delegados imediatos do povo (...) Ele só pode, portanto, ser julgado pela Convenção Nacional. (...) Como? Com aparato e severidade.” (Marat, 2013, p.2-3, tradução nossa).⁶⁰

E, finalmente, deu seu veredito sobre o destino de Luís XVI e sobre a República, disse que o julgamento do rei era imprescindível para sua instituição. Marat vivenciou o desgaste do espírito monárquico em que vivia a França, a partir de fuga em Varennes de 1791. Luís XVI pode contar cada vez menos com a sorte, ao passo que todos os complôs e provas de suas traições eram descobertos. E, não apenas Marat, mas o povo, a Convenção e a Comuna percebiam que era insustentável que era apoiar um monarca como Luís XVI, quiçá declará-lo inocente:

(...) enquanto Luís Capeto respirar e um evento imprevisto puder libertá-lo, ele será objeto de tentativas de todos os inimigos da revolução. (...) A salvação do povo e o

⁵⁸ No original: “Le despotisme paraît abattu, le despote est prisonnier, la monarchie est proscrite, les suppôts de la royauté sont réduits au silence, une nouvelle forme de gouvernement est adoptée, tout semble annoncer le triomphe de la république et néanmoins la patrie est loin de triompher et la liberté d’être cimentée. »

⁵⁹ No original: « son abdication date donc aussi de l’instant que les prussiens, les autrichiens et les rebelles ont envahi la France. »

⁶⁰ No original: « L’ex-monarque doit être jugé par un simple tribunal d’état, composé de délégués immédiats du peuple (...) Il ne peut donc être jugé que par la Convention nationale . (...) Comment? Avec appareil et sévérité. »

estabelecimento da república dependem do curso que tomarmos, senhores. Minha conclusão é que o ex-monarca deve ser julgado imediatamente e que sua pena deve ser capital. (Marat, 2013, p.3-4, tradução nossa)⁶¹

Em 10 de dezembro, começou o processo contra Luís XVI e, no dia seguinte, o rei foi até a Convenção para realizar sua defesa, onde “submeteram-no a um interrogatório, e as suas respostas deviam ter matado até os menores restos de simpatia que podiam existir em seu favor” (Kropotkin, 2021, p.302). Essa postura do rei foi reforçada pelo panfleto de Marat, N°73, no qual Luís foi descrito como “menos idiota do que acreditavam”, além de “sem alma, indigno do trono, um déspota, um tirano.”

Por sua vez, se mostrou severo, bárbaro, feroz, falso, enganoso e traiçoeiro, sempre mergulhou suas mãos, sem remorso, no sangue do povo e, se não é o autor das conspirações contra a liberdade pública, consentiu com elas e não é menos criminoso aos olhos da justiça. (Marat, 2013, p.4, tradução nossa)⁶²

Além disso, Marat criticou a forma como os crimes e os relatórios das comissões foram redigidos e que muitos feitos capitais foram omitidos, de forma que o interrogatório havia sido conduzido de maneira desorganizada e com perguntas pouco categóricas, deixando espaço a respostas equivocadas. Na segunda aparição de Luís XVI, dessa vez para realizar sua defesa, Marat introduziu o panfleto sobre a sessão, chamando o rei de “tirano” e afirmando que seus advogados tentaram tocar com compaixão a Assembleia em relação ao “príncipe infeliz”. Desèze teria apelado ao fato de que o destino de Luis XVI despertava o interesse do resto da Europa e que não deveria ser a Convenção Nacional a responsável por julgá-lo.

O advogado concluiu que o rei não havia conspirado contra a nação e que era o melhor cidadão do reino (Marat, 2015, p.2-3, tradução nossa)⁶³. Para Marat, essa defesa era uma estratégia para tornar o processo longo, ganhar tempo e salvar o tirano. “É a nação inteira quem acusa Luís XVI de maquinações, de atentados atrozes contra a pátria e é a Convenção quem deve julgá-lo” (Marat, 2015, p.3, tradução nossa)⁶⁴. Em seu último panfleto de 1792, Marat faz

⁶¹ No original: (...) car tant que Louis Capet respirera et qu'un événement imprévu pourra le remettre en liberté, il sera l'objet des tentatives de tous les ennemis de la révolution. (...) Du parti que nous prendrons, messieurs, dépend le salut du peuple, l'établissement de la république. Je conclus à ce que l'ex-monarque soit promptement jugé et que sa punition soit capitale.

⁶² No original: Tour-à-tour superbe, insolent, bas, rampant, suppliant ; toujours il s'est montré dur, barbare, féroce, faux, fourbe, traître, toujours il trempa ses mains, sans remords, dans le sang du peuple et s'il n'est pas l'auteur même des complots tramés contre la liberté publique, il les a consentis et il n'en est pas moins criminel aux yeux de la justice.

⁶³ No original: « il a cherché à enchaîner sa justice pour la considération de l'intérêt que toutes les puissances de l'Europe prennent au sort de Louis XVI (...) il en conclut que loin d'avoir conspiré contre la nation, Louis XVI étoit le meilleur citoyen du royaume. »

⁶⁴ No original: « C'est la nation tout entière qui accuse Louis XVI de machinations, d'attentats atroces contre la patrie, et c'est la Convention qui doit le juger. »

novas observações sobre o processo do rei:

Nada me tira da cabeça o fato de que Luís Capeto não agiu sozinho e que ele teve cúmplices na Assembleia Constituinte e na Assembleia Legislativa. Eu já disse centenas de vezes que o motivo mais poderoso que os membros dessas duas legislaturas tem para salvar o tirano é o de garantir sua própria impunidade. (...) Se eu tivesse algum conselho a lhe dar, seria recomendar que ele não confiasse na palavra deles e não esperasse até depois de sua condenação para denunciá-los. (Marat, 2013, p.1-2, tradução nossa)⁶⁵.

No início do ano de 1793, a Convenção Nacional começou a se organizar para o julgamento do Rei, não somente no sentido de sessões e tribunas, mas generais e deputados negociavam a situação da realeza. Dumouriez tentou salvar o rei diversas vezes, Rolland participava das negociações buscando ganhar tempo para tentar salvar o rei e o próprio Marat denuncia essas estratégias. Kropotkin (2021) afirma que nunca se minudenciaram as intrigas e acordos que ocorreram entre os homens do Estado durante a primeira metade de janeiro. No dia 11, Marat proferiu um segundo discurso acerca da situação do monarca, denunciando todo o aparato dos aliados da realeza, que corriam contra o tempo e o ódio popular, já insustentável:

É um grande infortúnio, a meu ver, que em 10 de agosto o povo não tenha jogado o tirano e seus satélites na mesma cova. (...) É uma trama arquitetada por seus assessores convencionais para resgatá-lo da tortura, são sofismas ridículos que usam para lhe dar impunidade, são esforços criminosos que estão fazendo para colocá-lo de volta no trono. Nada é mais pérfido do que os autores desta terrível conspiração, vamos arrancar-lhes a máscara. (Marat, 2013, p.2 e 8, tradução nossa)⁶⁶

Quatro dias depois, começaram os votos nominais⁶⁷ sobre: A culpabilidade do rei, se haveria sancionamento por parte do povo em seu julgamento e, por último, a pena. Dos 749 membros, 716 consideraram o rei culpado e o restante estava ausente por saúde ou simplesmente se absteve. A consulta popular não foi aceita por 412 votantes contra 278 e Marat foi um dos que votou contra, inclusive incluiu seu voto no panfleto de 18 de janeiro:

Submeter todos os decretos à sanção do povo é impossível; (...) Submeter à ratificação do povo um julgamento feito por razões de Estado, sempre fora de seu alcance, não é

⁶⁵ No original: « Rien ne m'ôtera de l'esprit que Louis Capet n'a pas machiné seul et qu'il a des complices, dans l'assemblée constituante et dans l'assemblée législative. J'ai dit cent fois que le plus puissant motif qu'aient les membres de ces deux législatures, pour sauver le tyran est celui d'assurer leur propre impunité. Si j'avois un conseil à lui donner, ce serait de lui recommander de ne pas se fier à leur parole et de ne pas attendre après sa condamnation à les dénoncer. »

⁶⁶ No original: « C'est un grand malheur à mes yeux que le 10 août le peuple n'ait pas précipité dans la même fosse le tyran et ses satellites. (...) C'est du complot trame par ses assides conventionnels pour l'arracher au supplice, c'est des sophismes ridicules qu'ils employent pour lui ménager l'impunité, c'est des efforts criminels qu'ils sont pour le replacer sur le trône. Rien de plus perfide que les auteurs de cet affreux complot, arrachons-leur le masque. »

⁶⁷ Votação nominal é um processo de voto ostensivo quando é possível identificar os parlamentares e seus respectivos votos.

apenas um traço de imbecilidade, mas de insanidade. Isso só poderia ter sido sonhado pelos cúmplices do tirano, reduzidos a entregar o Estado aos horrores da guerra civil para encobrir seus crimes e salvá-lo da execução. Meu dever é me opor com todas as minhas forças à execução desse projeto desastroso: consequentemente, eu digo: Não. (Marat, 2013, p.8, tradução nossa)⁶⁸

É extremamente importante entender o ponto de vista de Marat. Kropotkin explica que, por mais que a Convenção e Paris tivessem opiniões praticamente unânimes quanto a Luís XVI, outras cidades e províncias divergiam. Dessa forma, se sancionado ao povo, a sentença passaria às assembleias provinciais e “o desencadeamento de paixões” provocaria um embate de opiniões, podendo levar a uma guerra civil e o Rei ganharia mais possibilidades de fuga, ou até mesmo de reverter a revolução (Kropotkin, 2021, p.303).

A votação sobre o terceiro ponto, a pena, teria durado vinte e cinco horas seguidas e ainda passou por uma sugestão de adiamento da condenação, rejeitada pela maioria, Marat inclusive discursa quando o deputado Jean-Baptiste Mailhe sugeriu a prorrogação. “Esta medida foi rejeitada, não faz sentido reproduzi-la. Senhores, vocês decretaram a República, mas a República é apenas um castelo de cartas, até que a cabeça do tirano caia sob a espada da lei.” (Marat, 2015, p.2, tradução nossa).⁶⁹ Mesmo que outros tenham declarado a República, Marat a partir desse discurso, começou a apresentar mais menções ao modelo de governo e sua pretensão de preservá-lo.

A pena de morte venceu com 387 votos sobre os 721 votantes presentes e em 21 de janeiro de 1793, Luís XVI é guillotinado. Dois dias depois, Jean-Paul Marat publicou um panfleto com a seguinte introdução: “A cabeça do tirano acaba de cair sob a espada da lei, o mesmo golpe derrubou os alicerces da monarquia entre nós; eu finalmente acredito na República.” (Marat, 2015, p.1-2, tradução nossa).⁷⁰ Marat relatou que, quando a cabeça do rei foi mostrada ao povo, por todas as partes, se ouviram gritos de “Viva a Nação” e “Viva a República” e que pela primeira vez, desde a federação, a queda da Bastilha, o povo parecia “tomado de uma alegria ferrenha”, comparando até mesmo a uma festa religiosa:

Longe de perturbar a paz do Estado, a morte do rei servirá para fortalecer, não somente para conter o terror dos inimigos internos, mas também os inimigos externos. Ela

⁶⁸ No original: « Soumettre à la sanction du peuple chaque décret est chose impossible (...) Soumettre à la ratification du peuple un jugement rendu sur des raisons d'État, toujours hors de sa portée, est non-seulement un trait d'imbécillité, mais de démence. Il n'a pu être imaginé que par les complices du tyran, réduits pour couvrir leurs crimes et l'arracher au supplice, à livrer l'État aux horreurs de la guerre civile. Mon devoir est de m'opposer de toutes mes forces à l'exécution de ce projet désastreux : en conséquence je dis : Non. »

⁶⁹ No original: « Cette mesure a été rejetée, il est insensé de la reproduire. Messieurs, vous avez décrété la République, mais la République n'est qu'un château de cartes, jusqu'à ce que la tête- du tyran tombe sous le glaive de la loi. »

⁷⁰ No original: « La tête du tyran vient de tomber sous le glaive de la loi; le même coup a renversé les fondements de la monarchie parmi nous; je crois enfin à la République »

também dará à nação uma nova energia e uma força nova para repelir as quadrilhas ferozes dos estrangeiros que ousarem empunhar armas contra ela. (...) Finalmente desembarcamos na ilha da liberdade e queimamos o navio que nos levou até lá. (Marat, 2013, p.3-4, tradução nossa.)⁷¹

Com a morte do rei, se intensificaram as dúvidas sobre os rumos da revolução. Quem presidiria a Convenção? Qual ala, e qual concepção, guiaria a França a partir de então? Kropotkin (2021, p.308) argumenta que tanto à época, na Convenção e entre o povo, quanto entre alguns historiadores, existe uma tendência em resumir as diferenças entre Gironda e Montanha em uma disputa entre Robespierre e Brissot e é também nesse contexto que crescem as noções de partidos além das divisões comumente conhecidas da Revolução. Dantonistas, Robesperrianos, Brissotistas, Maratistas são espécies de vertentes políticas dentro de cada âmbito da Convenção. Essas subdivisões se iniciaram com a prisão do rei em 10 de agosto. Jean-Paul Marat, entretanto, negava essa tendência de um partido político pessoal:

Há alguns dias fui abordado por alguns marseheses que me disseram: Marat, seu partido cresce a cada dia, nós somos parte dele. Eu lhes respondi: Camaradas, eu não tenho partido, não quero partido. Sejam livres e felizes, é tudo o que peço. Quanto a mim, meus concidadãos pagarão com sua estima meus esforços constantes para salvar a pátria, eu não desejo mais nada. (Marat, 2013, p.7, tradução nossa)⁷²

Existia, também, uma concepção entre os girondinos de que a Convenção Nacional era dirigida por um triunvirato ditatorial, composto por Robespierre, Danton e Marat. Brissot chegou a publicar em um de seus panfletos, um pedido de golpe de estado contra “os anarquistas”, ou seja, contra Robespierre e os demais. “Três revoluções eram necessárias para salvar a França: a primeira derrubou o despotismo, a segunda aniquilou a realeza; a terceira deve abater a anarquia.” (Brissot, 2007, p.2, tradução nossa)⁷³

A partir de 21 de janeiro, os girondinos fizeram todos os esforços para levar os montanheses à guilhotina e Marat foi um dos alvos. A França se engajou em mais guerras, contra a Inglaterra, Holanda e Espanha, em 1793, o que elevou as despesas nacionais ao extremo. Por conseguinte, a Revolução enfrentou graves problemas econômicos em março. Dumouriez, general do exército francês e contrarrevolucionário próximo da Gironda, dirigiu as

⁷¹ No original: « Le supplice de Louis XVI, loin de troubler la paix de l'État, ne servira qu'à l'affermir, non-seulement en contenant par la terreur les ennemis du dedans, mais les ennemis du dehors. Il donnera aussi à la nation une énergie et une force nouvelles pour repousser les hordes féroces de satellites étrangers qui oseront porter les armes contre elle (...) Nous venons enfin d'aborder dans l'île de la liberté et nous avons brûlé le vaisseau qui nous y a conduits. »

⁷² No original: « Il y a quelques jours je fus abordé par quelques Marseillais qui me dirent : Marat, votre parti grossit tous les jours, nous en sommes. Je leur répondis : Camarades, je n'ai point de parti, je n'en veux point. Soyez libres et heureux, voilà tout ce que je demande. Quant à moi, mes concitoyens payeront de leur estime mes efforts constants pour sauver la patrie, je ne désire rien de plus. »

⁷³ No original: « Trois révolution était nécessaires pour sauver la France : la première a renversé le despotisme ; la seconde a néantit la royauté ; la troisième doit abattre l'anarchie. »

tropas na Batalha de Neeerwiden e acabou derrotado, o que lhe resultou inúmeros ataques em Paris. Consternado pela sua própria situação, Dumouriez compactuou com o estrangeiro para derrubar a Convenção e restaurar a monarquia (Chuquet, 2012). Essa traição fez com que suas tropas o abandonassem e a notícia chegou a Paris no dia 3 de abril.

Marat publicou no dia 2 um relato escrito de uma conversa que teve com dois amigos retornados da Bélgica. É dito que o “sucessor de Lafayette”, Dumouriez, teria perdido a cabeça e declarado que a Convenção era detestável, o povo francês era feito de enraivecidos e que restava abolir os decretos, restaurando a constituição antiga (Marat, 2015, p.3). Por fim, na última página desse panfleto, Marat afirmou que Dumouriez era um traidor e isso enraivecia os Girondinos. Uma semana depois, Marat propôs prender parentes próximos dos emigrados, os generais conspiradores e os principais inimigos públicos - dando a entender que Brissot, Gaudet e outros girondinos vinham contribuindo enquanto cúmplices de Dumouriez em todo esse tempo. No dia 4 de abril, Dumouriez, outros imperiais e o duque de Coburgo lançaram uma proclamação declarando aos franceses a volta do rei constitucional.

Essa ameaça de invasão e a volta do regime recém-derrubado poderiam causar um estado de pânico e consequências mais prejudiciais ainda à saúde pública francesa. Kropotkin (2021) afirma que o “triunvirato da opinião”, Robespierre, Danton e Marat, agiram de forma harmoniosa para evitar o pior dos cenários.

Frente às acusações de Marat e muito ofendida, a Gironda conseguiu da Convenção a detenção de Marat, no dia 12, e seu julgamento do Tribunal Revolucionário, que havia sido criado há menos de um mês. “Só pela sua fria audácia que Marat sobreviveu” (Kropotkin, 2021, p.310). No dia 16 de abril, Marat faz sua primeira defesa frente à acusação feita:

(...) os líderes e os apoiadores da facção realista esperavam derrubar minhas propostas e enganar toda a nação perseguindo-me como um escritor incendiário. (...) Eles se concentraram exclusivamente em me perseguir, e, não ousando me decretar acusação sem um relatório prévio, decidiram que eu seria enviado em estado de prisão à Abadia. O que? (...) O próprio Sillery, suspeito de traição, está apenas sob vigilância, e eu, o defensor imperturbável da pátria, o apóstolo e mártir da liberdade, serei encarcerado por nossos inimigos como um malfetor, para me punir por ter revelado suas maquinações, por tê-los forçado a se admitir cúmplices de um generalíssimo conspirador que maquina para restabelecer a realeza. Não, isso não acontecerá, mesmo que eu tenha que morrer cem vezes: é agora ou nunca o momento de resistir à opressão. (Marat, 2013, p.6-8, tradução nossa)⁷⁴

⁷⁴ No original: « Désespérés de s'être vus réduits de la sorte à se démasquer eux-mêmes, les meneurs et les suppôts de la faction royaliste se sont flattés de faire tomber mes propositions, et d'en imposer à la nation entière en me poursuivant comme un écrivain incendiaire (...) Ils se sont donc uniquement attachés à me poursuivre, et, n'osant pas me décréter d'accusation sans un rapport préalable, ils ont décidé que je serais envoyé en état d'arrestation à l'Abbaye. Eh quoi ? (...) Sillery lui-même, suspect de trahison, est simplement gardé à vue, et moi, le défenseur imperturbable de la patrie, l'âpote et le martyr de la liberté, je serai incarcéré par nos ennemis comme un malfaiteur, pour me punir d'avoir dévoilé leurs machinations, de les avoir forcés de s'avouer eux-

Marat também afirmou que não se entregaria enquanto os acusados de traírem a pátria não fossem presos e finalizou o panfleto dizendo que antes de pertencer à Convenção, ele pertencia à pátria e que continuaria a se proteger dos ataques inimigos, a apoiar a liberdade com seus escritos e a desmascarar os traidores que lideravam a Convenção. No dia 24, aconteceu o julgamento de Marat pelo Tribunal e, 4 dias depois, a transcrição foi publicada pelo próprio no *Le Publiciste de La République Française* - nome mudado graças a uma petição na Convenção em que os deputados-jornalistas deveriam escolher entre o cargo público e o cargo de jornalista. Marat “escapa” da lei ao mudar o conceito de “jornal, que não aparece mais no nome, para “diário de observações” de um deputado. (Vermorel, 2012, p.278).

Algumas perguntas corriam sobre a acusação de que Marat provocara mortes e assassinatos, além de incentivar pilhagens, de ter atentado à soberania popular ao propor um ditador, e que apoiava a dissolução da Convenção. De todas as respostas, a mais emblemática foi sobre a proposta de um ditador:

Esta acusação não pode ser feita seriamente contra mim, o inimigo mais mortal dos tiranos, dos déspotas, dos reis e dos príncipes; contra mim, o mais ardente opositor de toda autoridade arbitrária; contra mim, que desde o início da revolução tenho incessantemente vingado a soberania popular, tenho insistido na necessidade de limitar os poderes de seus agentes (...). Longe de ter provocado o restabelecimento de um chefe de estado, basta lê-los para ver que neles deploro as desgraças que inevitavelmente resultam da indiferença da pátria, do espírito de egoísmo e vertigem, ou melhor, das desgraças da desunião dos membros da Convenção (...). (Marat, 2013, p. tradução nossa)⁷⁵

Marat assumiu uma negação extremamente categórica nessa acusação, além de ser a sua resposta mais curta. É provável que o Amigo do Povo tenha se apoiado nos acontecimentos mais recentes. Desde a instituição da Convenção Nacional, Marat reformou sua visão quanto a um ditador para a França e a proposta sequer foi mencionada desde o processo do Rei. Situações nas quais, antes, Marat pediria um ditador, ele passou a sugerir Comitês de Segurança e Defesa Geral, como já observado. Essa mudança, segundo o próprio em um panfleto de março de 1793, teria se dado depois de suas experiências na vida clandestina, em quatro anos de revolução, e

mêmes complices d'un généralissime conspirateur qui machine pour rétablir la royauté. Non, il n'en sera rien, dussé-je périr cent fois : c'est le cas ou jamais de résister à l'oppression. »

⁷⁵ No original: « Cette inculpation ne peut m'être faite sérieusement, à moi le plus mortel ennemi des tyrans, des despotes, des rois et des princes; à moi le plus ardent frondeur de toute autorité arbitraire; à moi qui depuis l'origine de la révolution ai sans cesse vengé la souveraineté populaire, ai sans cesse insisté sur la nécessité de limiter les pouvoirs de ses agents (...). Loin d'avoir provoqué, dans les numéros dénoncés, le rétablissement d'un chef de l'état, il suffit de les lire pour voir que j'y déplore les malheurs qui ne peuvent manquer de résulter de l'insouciance de la patrie, de l'esprit d'égoïsme et de vertige, ou plutôt les malheurs ou la désunion des membres de la Convention (...). »

sua participação pública teriam mudado esse ponto de vista. (Marat, 2013). De qualquer forma, o tribunal inocentou Marat e uma verdadeira celebração popular aconteceu:

Ao minuto que o tribunal me absolveu honrosamente, a sala ressoou com os mais vivos aplausos, que foram repetidos sucessivamente nas salas adjacentes, nos vestibulos e nos pátios do palácio, todos repletos de zelosos patriotas. (...) Várias coroas cívicas foram colocadas na minha cabeça. (...) Fora dos pátios, desde o palácio até a Convenção, as ruas e pontes estavam cobertas por uma multidão incontável de pessoas que gritavam em uníssono e sem cessar: "Viva a República, a liberdade e Marat!" A sala ressoou com aplausos. Depois de ser abraçado por meus dignos colegas, apresentei-me na tribuna: "Legisladores, as manifestações de civismo e alegria que ecoam nesta assembleia são uma homenagem à representação nacional, a um de seus colegas cujos direitos sagrados foram violados na minha pessoa. Fui perfidamente acusado, um julgamento solene fez triunfar minha inocência; trago-lhes um coração puro e continuarei a defender os direitos do homem, do cidadão e do povo com toda a energia que o céu me deu". (Marat, 2013, p.1-3, tradução nossa).⁷⁶

Sobre esse julgamento, Kropotkin reforça que houve uma festa popular após declarada a inocência. Segundo ele, "o povo dos arrabaldes amava bastante Marat" e que os pobres tinham uma relação especial com o deputado, a ponto de que não o deixariam ser condenado e muito menos o traíriam. Se Robespierre e Marat não tivessem acalmado os ânimos populares, era possível uma insurreição acontecer. "E, quanto mais se estuda hoje a Revolução, melhor se conhece o que Marat fez e disse, mais se descobre como era imerecida a imputação de sinistro exterminador que lhe fizeram os historiadores, admiradores dos burgueses girondinos". (Kropotkin, 2021, p.349)

Os girondinos não ficaram satisfeitos com o resultado e encararam o julgamento de Marat como "um dia de luto". Brissot não mediu esforços para animar a burguesia contra os "anarquistas", que seriam os Jacobinos e os *sans-culottes*. A Convenção continuou a ser movida por essas divergências entre os dois partidos. Por sua vez, o povo não aguentava mais a situação de miséria e fome em que viviam, graças às guerras revolucionárias e à fixação do preço do trigo e da farinha. Se a Convenção não tinha ações concretas, restava à Comuna de Paris organizar deliberações revolucionárias e ordenar o lançamento de um imposto progressivo sobre os ricos, com ambição de cobrir as despesas da guerra. A Gironda se enfureceu ainda e o

⁷⁶ No original: « A peine le tribunal m'eut-il acquitté honorablement, que la salle retentit des plus vifs applaudissements, qui furent répétés tour à tour dans les salles voisines, dans les vestibules et les cours du palais toutes remplies de zélés patriotes (...) Plusieurs -couronnes civiques furent posées sur ma tête. (...) Au dehors des cours, depuis le palais jusqu'à la Convention, les rues et les ponts étaient couverts d'une foule innombrable de peuple qui criait à l'envi et sans relâche : « Vive la République, la liberté et Marat ! » (...) a salle retentit d'applaudissements. Après avoir été serré dans les bras de mes dignes collègues, je me présente à la tribune : « Législateurs, les témoignages de civisme et de joie qui éclatent dans cette enceinte sont un hommage rendu à la représentation nationale, à l'un de vos collègues dont les droits sacrés avaient été violés dans ma personne. J'ai été perfidement inculpé, un jugement solennel a fait triompher mon innocence ; je vous rapporte un cœur pur, et je continuerai à défendre les droits de l'homme, du citoyen et du peuple avec toute l'énergie que le ciel m'a donnée ».

plano piorou quando Cambon⁷⁷, recém-unido aos montanheses, sugeriu um empréstimo forçado de um bilhão sobre os ricos de toda a França e reembolsável a partir da venda dos bens de emigrados. A proposta causou a fúria dos Girondinos.

Eles se organizaram e formaram a chamada “Comissão dos Doze”, nomeada em 21 de maio. Dois dias depois, emitiram mandados de prisão a duas personalidades queridas pelo povo: Hébert, procurador substituto da Comuna e republicano expressivo, Jean-François Varlet, componente dos ultrarradicais e chamado por Kropotkin de anarquista, com a compreensão política atual de Anarquismo. Além das prisões, a Comissão exigiu registros das seções e detenção de quem se recusasse a entregá-los. Maximim Isnard, o presidente da Convenção nesse período, e girondino, declarou que se houvesse ataque à representação nacional, Paris seria destruída.

As seções, que já passavam por um processo de federalismo, se organizaram e, junto da Montanha, que pouco realmente fez para concretizar o feito, fizeram as insurreições de 31 de maio e 2 de junho. Para Albert Soboul (2007, p.59), “essas jornadas constituem um reflexo nacional, uma reação defensiva e punitiva contra uma manifestação nova do complô aristocrático”, apesar de a segunda ter sido mais expressiva que a primeira. As jornadas foram compostas pelos quatro Conselhos da Comuna, do departamento de Paris e o do Bispado, formadas pelos chefes das seções e foi acordado que se trataria de uma insurreição moral, sem violências pessoais, com o objetivo de pressionar a Convenção a entregar os deputados culpados ao Tribunal Revolucionário.

Kropotkin menciona que teria sido Marat, quem repassou o recado ao Bispado e que ele foi o responsável pelo toque dos sinos do *Hôtel de Ville*, apesar de não referenciar fonte alguma. Durante o 31 de maio, uma nova massa invadiu a Convenção Nacional. A montanha se sentiu mais forte e Robespierre pediu a supressão da Comissão dos Doze, o processamento dos membros e chefes girondinos. Mas tudo que aconteceu foi a cessação da comissão, a Gironda continuou maioria e a primeira insurreição falha. Eis o que Marat disse ao povo às vésperas da movimentação:

De todas as partes vinham reclamações contra a falta de energia da Montanha; de todas as partes pediam a prisão dos deputados traidores e conspiradores; de todas as partes gritavam: "Marat, salve-nos (...) Quando um povo livre confia o exercício de seus poderes, a manutenção de seus direitos e interesses agentes escolhidos por ele, enquanto eles são fiéis aos seus deveres, deve sem dúvida confiar neles, respeitar seus decretos e mantê-los no exercício pacífico de suas funções. Mas quando esses mandatários abusam continuamente de sua confiança, quando traficam com seus direitos, traem seus interesses, o despojam, o oprimem e conspiram contra ele, então

⁷⁷ Pierre-Joseph Cambon foi um comerciante de telas e deputado na Convenção Nacional e logo assumiu cargos relacionados às finanças. Também é conhecido por ter deposto contra Robespierre em seu julgamento em 1794.

o povo deve retirar seus poderes, mobilizar sua força para fazê-los voltar ao dever, punir os traidores e salvar a si mesmo. Cidadãos, vocês não têm mais recursos além de sua energia, apresentem à Convenção um discurso para pedir a punição dos deputados infiéis da nação; permaneçam de pé e só abaijem as armas até obtê-la. (Marat, 2013, p.4 e 6, tradução nossa)⁷⁸

E foi o que o povo fez. No dia 2 de junho, a Comissão revolucionária dentro do Conselho da Comuna, exigiu da Convenção a prisão de vinte e sete deputados girondinos ou que esses pedissem demissão. Eram mais de cem mil homens armados cercando a Convenção, armados com 163 peças de artilharia e declarando que ninguém sairia enquanto não se pronunciasse a prisão ou demissão dos membros girondinos (Kropotkin, 2021, p.356). A Convenção resistiu por três dias e, ao ceder, votou a exclusão de trinta e um girondinos. Na sessão do dia seguinte, uma delegação popular entregou uma carta dizendo que o decreto era a salvação da República. Marat, em seu discurso, resumiu as insurreições a uma nova fase da Convenção e ao direito de todos à fortuna:

Demos um grande impulso. Cabe à Convenção firmar as bases da felicidade pública. Nada poderia ser mais fácil: devemos fazer a nossa profissão de fé. (...) Não queremos violar nenhuma propriedade. Mas qual é a propriedade mais sagrada? É o da existência. Queremos que esta propriedade seja respeitada e que o pão seja dado aos todos os infelizes. (...) Concedem que somos os mais numerosos, e, se não empurrarem a roda conosco, iremos expulsá-los da República, tomaremos as vossas propriedades, que partilharemos com os sans-culottes. (Aulard, 2009, p.227, tradução nossa)⁷⁹

Os girondinos votados não foram presos na Abadia, mas ficaram constantemente vigiados em suas casas. Isso não impediu, entretanto, que eles contribuíssem com a contrarrevolução e a guerra civil que vinha acontecendo em províncias como Lyon e Vandeia. Muitos, evadiram de Paris, buscando insurreccionar os departamentos, até chegarem à Normandia e à Bretanha que contava com tropas inglesas e com o General Wimpfen, declarado realista com quem a Gironda teve um relacionamento harmonioso. Quando chegaram a Caen,

⁷⁸ No original: « De toutes parts retentissent des réclamations contre le défaut d'énergie de la Montagne; de toutes parts on demande l'arrestation des députés traîtres et machinateurs; de toutes parts on crie : Marat, sauvez-nous. (...) Lorsqu'un peuple libre a confié l'exercice de ses pouvoirs, le maintien de ses droits et de ses intérêts à des mandataires choisis par lui, tandis qu'ils sont fidèles à leurs devoirs, il doit sans contredit s'en rapporter à eux, respecter leurs décrets, et les maintenir dans le paisible exercice de leurs fonctions. Mais lorsque ces mandataires abusent continuellement de sa confiance, lorsqu'ils trafiquent de ses droits, trahissent ses intérêts, qu'ils le dépouillent, le vexent, l'oppriment et qu'ils machinent sa perte, alors le peuple doit leur retirer ses pouvoirs, déployer sa force pour les faire rentrer dans le devoir, punir les traîtres et se sauver lui-même. Citoyens, vous n'avez plus de ressources que dans votre énergie, présentez à la Convention une adresse, pour demander la punition des députés infidèles de la nation; restez levés et ne posez les armes qu'après l'avoir obtenue. »

⁷⁹ No original: Vous avez donné une grande impulsion; c'est à la Convention à assurer les bases du bonheur public. Rien de plus facile : il faut faire notre profession de foi. (...) Nous ne voulons point violer les propriétés. Mais quelle est la propriété la plus sacrée ? C'est celle de l'existence. Nous voulons qu'on respecte cette propriété, et qu'on donne du pain à tous les malheureux. (...) Convenez que nous sommes les plus nombreux, et, si-vous ne poussez pas à la roue avec nous, nous vous chasserons de la République, nous prendrons vos propriétés, que nous partagerons avec les sans-culottes.

se organizaram para marcharem a Paris. Entretanto, por mais que alguns departamentos tenham sim insurreccionado, em geral, o povo não seguiu os girondinos ou os padres, por mais conturbada que fosse a relação entre a Convenção e a região bretã. O levante fracassou. (Kropotkin, 2021, p.397)

Marat recebeu cartas de cidadãos, durante a quinzena de julho, sobre as insurreições realistas e contrarrevolucionárias que vinham acontecendo. Generais e Girondinos proferindo ódio à Convenção, clamando pelas cabeças de Danton, Robespierre e Marat e, sobretudo, alertando que as tropas não estavam suficientemente engajadas. Suas denúncias eram feitas na Convenção, mas as decisões demoravam para ser efetuadas ou simplesmente deixavam de lado as solicitações de Marat:

Quantas desgraças e desastres a Convenção não teria evitado, se julgando esses chefes pérfidos (...) ela os tivesse colocado fora do alcance de trair a pátria e de colocar a coisa pública em perigo! (...) a falta de visão e de energia dos representantes do povo não lhes permite tomar grandes medidas(...) Se pelo menos fôssemos mais sábios no futuro! Se pudéssemos aprender na escola da adversidade! Mas os apaziguadores da Convenção não deixarão de pregar a segurança e a paciência até terem terminado de arruinar a coisa pública. Não é minha culpa; meu desespero é ser sempre o Cassandra da Revolução. (Marat, 2013, p.2-4, tradução nossa)⁸⁰

Realmente, a Convenção poderia ter evitado desastres que vinham atemorizando o interior francês, mas ainda mais importante, poderia ter evitado Charlotte Corday. Pertencente a uma família realista, teve contato com as ideias contrárias à República dos *sans-culottes* montanhenses e “maravilhada pelas aparências de verdadeiros republicanos” dos girondinos e foi para Paris em 11 de julho, com o objetivo de matar qualquer um do triunvirato montanhês. (Kropotkin, 2021)

3.1 A Morte do Amigo do Povo

De acordo com Kropotkin (2021, p.399): “Tudo leva a crer que Charlotte Corday não estava sozinha”. Como os contrarrevolucionários estavam concentrados em Caen, é possível que uma conspiração fosse tramada para acontecer na Festa da Federação, 14 de julho, em que matariam o “triunvirato ditatorial” e Charlotte estava envolvida. Ela chegou a Paris em 11 de julho e foi visitar Duperret, deputado girondino, para entregar-lhe uma carta de Barbaroux –

⁸⁰ No original: « Que de malheurs et de désastres n'eût pas prévenus la Convention, si jugeant ces chefs perfides (...) elle les avait mis hors de portée de trahir la patrie et de mettre la chose publique en danger ! (...) le défaut de vue et d'énergie des représentants du peuple ne leur permet pas de prendre de grandes mesures. (...) Si du moins nous étions plus sages à l'avenir ! si nous pouvions nous instruire à l'école de l'adversité ! Mais les endormeurs de la Convention ne cesseront de prêcher la sécurité et la patience qu'ils n'aient achevé de perdre la chose publique. Ce n'est pas ma faute ; mon désespoir est d'être toujours le Cassandre de la Révolution. »

outro deputado – que estava em Caen. Essa coincidência faz acreditar que Corday foi instrumento de uma conspiração dos realistas e girondinos (Kropotkin, 2021).

O plano, aparentemente, era matar Marat no Campo de Marte durante a festa da federação e, caso ele não comparecesse, seria na Convenção. Entretanto, a festa havia sido adiada e Jean-Paul Marat passava por uma temporada péssima de sua dermatite seborreica, o que fez com que ele se ausentasse da Convenção. Charlotte escreveu duas cartas a Marat, a primeira diz que ele devia entender os infelizes acontecimentos recentes da República graças ao seu amor à pátria, também pedia para que ele a recebesse, pois quando chegou à porta, teve sua entrada recusada, provavelmente por Cathérine Evrard, cunhada de Marat, uma vez que sua mulher estava ausente. Sem resposta, escreveu a segunda carta, dessa vez mais apelativa:

Eu lhe escrevi esta manhã, Marat, você recebeu minha carta? Não posso acreditar, pois fui recusada na sua porta. Espero que amanhã você me conceda uma entrevista. Repito: cheguei de Caen; tenho segredos importantes para revelar para a salvação da república. Além disso, sou perseguida pela causa da liberdade; sou infeliz; é suficiente que eu seja para ter direito à sua proteção. (Corday, 2007, p.2, tradução nossa)⁸¹

Em sua segunda tentativa, Charlotte Corday foi mais insistente e acabou tendo permissão do próprio Marat para entrar. A situação, de acordo com o processo e a confissão de Corday, teria sido a seguinte: O Amigo do Povo estava em sua banheiro, com um pedaço de madeira equilibrado nela e que servia de mesa para escrever seus panfletos. Corday teria listado todos os deputados girondinos e administradores que estavam conspirando em Caen e esperou de Marat as palavras que decidiriam seu destino: “Esses canalhas logo estarão nas mãos da justiça e suas cabeças cairão sob a espada da lei.” Indignada com tais comentários, Charlotte Corday retirou de seu seio a faca que havia escondido e esfaqueou Marat. Corday foi presa em flagrante e o quarto onde ela estava hospedada foi revistado, sendo encontrados os endereços de Duperret e do Bispo Fauchet.

No dia 14, dia da Festa da Federação, a sessão da Convenção Nacional se iniciou com a declaração do assassinato de Marat. Os deputados discutiram se o *L’Ami du Peuple* deveria ser continuado, qual seria o procedimento fúnebre e os sentimentos da perda de um agente tão importante na Revolução, como dito por Robespierre, “um dos mais zelosos defensores da pátria” (Aulard, 2009, p.303, tradução nossa)⁸². No mesmo dia, foi publicado o último número de Marat no *Le Publiciste de la République Française*⁸³, onde ele denunciou o desleixo do

⁸¹ No original: « Je vous ai écrit ce matin, Marat, avez-vous reçu ma lettre ? Je ne puis le croire, puisqu’on m’a refusé votre porte. J’espère que demain vous m’accorderez une entrevue. Je vous le répète : j’arrive de Caen ; j’ai à vous révéler les secrets les plus importants pour le salut de la république. D’ailleurs, je suis persécutée pour la cause de la liberté ; je suis malheureuse ; il suffit que je le sois pour avoir droit à votre protection. »

⁸² No original: « (...) un des plus zélés défenseurs de la patrie (...) »

⁸³ Em português : O Publicista da República Francesa

Comité de Salvação Pública quanto aos contrarrevolucionários e de Barère, um de seus componentes:

(...) a maioria de seus membros é tão despreocupada que mal assistem duas horas nas vinte e quatro horas das sessões do comitê (...) há um que a Montanha acaba de renomear muito imprudentemente, e que considero o inimigo mais perigoso da pátria: é Barrère (...) foi ele quem paralisou todas as medidas enérgicas e que nos prende dessa maneira para nos deixar ser massacrados. Convido-o a me desmentir, pronunciando-se finalmente de maneira a não mais ser considerado um realista disfarçado. (Marat, 2013, p.7, tradução nossa)⁸⁴

O interrogatório de Corday ocorreu no dia 16 de julho. Em suma, Charlotte respondeu que foi Paris somente para matar Marat por seus crimes, que seriam ter desolado a França e a guerra civil em curso e que teria agido sozinha, o que foi duvidado constantemente pelo tribunal. Quando requisitada prova de tal responsabilidade, Corday diz que “não poderia provar isso; mas que é a opinião da França, que o futuro aprenderá isso e que Marat tinha uma máscara no rosto” e “ela não pensava que estava matando um homem, mas uma fera feroz que devorava todo o povo francês.” (Vatel, 2007, tradução nossa)⁸⁵. Em sua última carta ao pai, anterior ao julgamento, ela afirmou ter vingado vítimas inocentes e que o povo, futuramente, agradeceria por ter sido livrado de um tirano. Ao fim, citou Thomas Corneille, jurista e dramaturgo francês: “O crime faz a vergonha, e não o cadafalso”. (Corday, 2010)

Em 17 de julho, Charlotte Corday foi condenada à morte na guilhotina, mesmo com o Tribunal resistente em acreditar que uma mulher sozinha teria premeditado o crime. Duperret e o Bispo Fauchet foram detidos e levados à guilhotina em 31 de outubro do mesmo ano, considerados cúmplices do assassinato e do movimento contrarrevolucionário em Caen. As reverberações da morte de Marat aos seus contemporâneos foram um misto de sentimentos. Girondinos, realistas e contrarrevolucionários teriam comemorado enquanto o povo, os jacobinos e a Convenção sentiam a perda de Marat.

Augustin de Robespierre, irmão mais novo do conhecido Maximilien, escreveu uma carta a um amigo sobre o episódio. Argumentou que o terror do pânico ocupava as mentes populares e que a morte de Marat poderia ser útil à República, mas a parte mais interessante é

⁸⁴ No original: « a plupart de ses membres sont si insoucients qu'ils assistent à peine deux heures dans les vingt-quatre heures aux séances du comité (...) il en est un que la Montagne vient de renommer très-imprudemment, et que je regarde comme l'ennemi le plus dangereux de la patrie : c'est Barrère (...) c'est lui qui a paralysé toutes les mesures de vigueur, et qui nous enchaîne de la sorte pour nous laisser égorger. Je l'invite à me donner un démenti, en se prononçant enfin de manière à ne plus passer pour un royaliste déguisé. »

⁸⁵ No original: « Charlotte Corday reconnaît les faits et raconte qu'elle n'est venue "que pour tuer Marat" lui reprochant "la désolation de la France [et] la guerre civile qu'il a allumé dans tout le royaume". Le qualifiant de "bête féroce", elle admet pourtant ne pas être en mesure de prouver les crimes dont elle le taxe mais soutient que "Marat avait un masque sur la figure. »

a percepção geral que se tinha, não apenas do Amigo do Povo, mas dos Montanheses em geral:

Marat estava sendo pintado como um monstro, de uma forma tão terrível que toda a França foi enganada, acreditando que não havia canibal comparável a esse cidadão, (...) Vocês devem saber que Marat viveu como um espartano e deu tudo o que tinha àqueles que o recorriam. Em várias ocasiões, ele disse a mim e a meus colegas: “Não posso mais satisfazer a multidão miserável que vem até mim, vou mandar alguns deles para vocês”, e ele fez isso muitas vezes (...). (Robespierre, 2024, p.178-179, tradução nossa)⁸⁶

É possível perceber com esse fragmento a quebra entre o Marat retratado, temperamental, extremista e sanguinário e o Marat “do povo”. Com seus panfletos, é possível ver essa interação constante com troca de cartas, encontros clandestinos com leitores que lhe traziam notícias, tanto que isso foi a causa de sua morte. Kropotkin (2021, p.400) também comenta sobre a generosidade de Marat: “Desde que a Revolução começou, Marat pusera-se a pão e a água (...). E quando foi assassinado, viu-se que toda a fortuna do Amigo do Povo era um assinado de vinte e cinco libras.”

A prontidão com que Marat se comunicava com o povo em seu jornal influenciava diretamente em seus trabalhos como deputado e, conseqüentemente, em sua reputação. O funeral, organizado por Jacques-Louis David, foi feito no dia 16 e a movimentação popular foi tamanha que a procissão teria durado das seis da tarde até as duas da manhã (*Courrier de L'Egalité*, 2007, p.142 e *Feuille de Salut Public*, 2019, p.3). Sepultado primeiramente na Igreja dos Cordeliers, atual Jardim de Luxemburgo, Marat recebeu discursos, lágrimas e respeito de todas as seções que compareceram:

O Presidente da Convenção fez primeiro um discurso eloquente, no qual anunciou que chegaria em breve o momento em que Marat seria vingado, mas que não era necessário, através de passos precipitados ou imprudentes, atrair censuras da parte dos nossos inimigos; e ele disse que a liberdade não poderia perecer e que a morte de Marat apenas a consolidaria em vez de destruí-la. (...) Todos estes discursos foram muito aplaudidos, sendo apenas interrompidos por gritos de vida longa à República. O corpo de Marat foi finalmente colocado na sepultura e lágrimas escorreram dos olhos de todos. (*Feuille de Salut Public*, 2019, p.3)⁸⁷

⁸⁶ No original: « Dépeint Marat comme un monstre et d'une manière si terrible que toute la France est trompée au point de croire qu'il n'y a point de cannibale comparable à ce citoyen (...) Il faut que vous sachiez que Marat vivoit en spartiate, qu'il ne dépensoit rien pour lui et qu'il donnoit tous ce qu'il avoit à ceuz qui avoient recours à lui. Il m'a dit plusieurs fois et à mes collègues: "Je n'ai plus de quoi subvenir à la foule malheureuse qui s'adresse à moi, je vous en enverrai quelques-uns" et il l'a fait plusieurs fois. (...) »

⁸⁷ No original: « Le président de la Convention a d'abord fait un discours éloquent, dans lequel il a annoncé que le tems arriverait bientôt où Marat serait vengé, mais qu'il ne fallait point, par des démarches hâtives ou inconsidérées, s'attirer des reproches de la part de nos ennemis; et il a dit que la liberté ne pouvait périr, et que la mort de Marat ne ferait que la consolider au lieu de la détruire. (...) Tous ces discours ont été fort applaudis, et n'ont été interrompus que par des cris de vive la République. Le corps de Marat a été enfin déposé dans la fosse et des larmes ont coulé de tous les yeux. »

Algumas seções, como a atual Faubourg-Montmartre e a Comédie-Française, mudaram seus nomes para “Faubourg-Marat” e “Marat” em homenagem ao Amigo do Povo. Assim como a seção “Théâtre-Française” passou para “Seção Marselha-Marat” e posteriormente, apenas “Seção Marat”. Em setembro, Marat foi declarado imortal, seu corpo exumado e colocado no Panteão, no lugar do Conde de Mirabeau, figura que passou por críticas do Amigo do Povo. Porém, com o 9 Termidor⁸⁸, um decreto foi publicado atestando que a imagem de nenhum cidadão deveria ser colocado no Panteão, ou qualquer lugar público, com menos de 10 anos de idade da morte. O túmulo de Marat foi realocado na Igreja Saint-Etienne-Du-Mont. Assim se despediu o Amigo do Povo, uma morte dramática, com uma despedida extravagante, mas com sua última previsão correta. Barrère, apontado como inimigo por Marat, foi um dos primeiros a contribuir no julgamento de Robespierre e a comemorar sua morte. (Mathiez, 2020).

⁸⁸ Data que marca a queda de Robespierre e o fim do período conhecido como Terror, na Revolução Francesa.

CAPÍTULO 4

MARAT NA HISTORIOGRAFIA

A Revolução Francesa é um tema com grande visibilidade e esse destaque não se restringe à historiografia. É tido como o norteador político e ideológico mundial do século XIX. De acordo com Hobsbawn (2016) ela difere de revoluções anteriores, uma vez que envolveu uma grande massa em uma mudança de paradigma social, e com um tom radical, diferente da revolução inglesa e americana. Ao longo destes mais de 200 anos, a Revolução Francesa tem sido analisada de diferentes formas. Existe uma historiografia muito extensa que aborda suas problemáticas e a investiga em amplas perspectivas. Para o presente trabalho, selecionamos alguns autores, a partir dos quais vamos verificar como estes abordaram nosso objeto de análise, Marat.

Os autores escolhidos para investigar a imagem de Marat na História são integrantes da historiografia marxista-jacobina. Partindo do primeiro expoente, Jules Michelet, perpassando pelos ocupantes da cadeira da Revolução Francesa na Sorbonne, como Albert Mathiez, Georges Lefebvre, Albert Soboul, até sua mais recente referência, Michelle Vovelle, que trabalhou no Bicentenário da Revolução. Piotr Kropotkin, autor expoente da historiografia anarquista clássica, é outro autor referenciado.

Por ordem cronológica, o primeiro autor a ser analisado é Jules Michelet (1798-1874). Historiador francês que viveu entre as memórias ainda recentes da Revolução. Michelet é um expoente importante para a França e em suas obras *História da França* (1833-1847) e *História da Revolução Francesa* (1847-1853), o historiador investiga o processo histórico, dá relevância aos personagens da História e descreve, com certa imaginação e poesia, o traço definitivo da corrente histórica romântica. A *História da Revolução Francesa*, composta por 7 tomos, conta com uma certa dramatização e emoção em seus capítulos, Marat não escapou desses aspectos. A primeira menção ocorre para dizer justamente que Marat, o povo e a Assembleia, eram todos “realistas” em 1789 e, diferente do restante da retratação de Marat que segue com o teor de uma figura assombrada, esse foi o mais gentil que Michelet pôde ser com o Amigo do Povo: “Um visionário crédulo, cego furioso surge na imprensa.” (Michelet, 2011, T.1, p.266, tradução nossa)⁸⁹

Michelet analisou os panfletos revolucionários, os escritos de juventude para entender

⁸⁹ No original : “Un visionnaire s'élève dans la presse, Marat, crédule, aveugle furieux (...)”

quem foi esse personagem desafiador e intolerante”. Nas críticas, tanto do ponto de vista social quanto político, Michelet afirma que Marat não se destaca, suas obras são “fracas”, sem nada distinguível dos demais trabalhos da época. Ele ainda acrescenta que isso se reflete em seu jornal, vazio em demonstrações práticas na resolução dos problemas sociais franceses. Rousseau é apresentado como figura inspiradora de Marat, mas com distinções consideráveis, o autor do *Contrato Social*, transformou-se em vaidade exaltada elevada à décima potência em Marat, que imitou Rousseau em sua trajetória política.⁹⁰

Jules Michelet também afirma que Marat utilizou de questões sensíveis à época, como o direito do pobre de compartilhar as riquezas, apenas por atenção e sem uma teoria concreta tanto em seus escritos da juventude quanto nos textos revolucionários. A personalidade do Amigo do Povo, para Michelet, é a tradicional: um homem efervescente, dotado de uma “sensibilidade cruel”, até mesmo comparável a uma mulher⁹¹, que reclama, grita e deseja, mas nada resolve. O aspecto doente de Marat também é bastante realçado, o historiador descreve os olhos fundos, a pele amarelada, o aspecto físico de uma “criatura estranha, excepcional”. (Michelet, 2011, T.2, p.350)⁹²

Sobre o *L'Ami du Peuple*, Michelet diz ter estudado religiosamente esse grande nome e que Marat fez do jornal sua própria inquisição. Não havia um cuidado em investigar, ele acreditava em qualquer coisa que lhe diziam e imprimia tudo. Seus panfletos eram listas de nomes acusados por qualquer pessoa que lhe dissesse e por qualquer razão, com dados completos como nome e endereço, sem qualquer tipo de investigação ou vigilância. Essa postura de “desafiador” e “intolerante” possibilitou que se tornasse uma espécie de ídolo ao povo:

Quaisquer que tenham sido os serviços prestados à Revolução pela sua vigilância incansável, a sua linguagem assassina e a habitual ligeireza das suas acusações tiveram uma influência deplorável. O seu desinteresse e a sua coragem deram autoridade à sua fúria, e ele foi um desastroso preceptor do povo, distorcendo os seus sentidos e tornando-o muitas vezes fraco e furioso, tal como Marat. (Michelet, 2014, T.2, p.346, tradução nossa).⁹³

⁹⁰ “(...) quando Rousseau, depois de ter conquistado o reinado da opinião, foi perseguido e voltou a procurar asilo na Suíça, refugiou-se no principado de Neuchâtel. O interesse ardente por ele, os olhos do mundo fixos nele (...) tudo isto agarra Marat. (...) O resultado natural desta concentração de esforços foi o sobreaquecimento da jovem cabeça. (...) Marat é imitador de Rousseau.” (Michelet, 2014, T.2, p.385-386)

⁹¹ “As mulheres têm momentos de sensibilidade cruel. Marat, em termos de temperamento, era uma mulher e mais do que uma mulher, muito nervoso e muito otimista.” (Michelet, 2011, Tomo 2, p.345)

⁹² “Essa coisa amarela, esverdeada, esses olhos amarelo-acinzentados, tão proeminentes!... Pertence certamente ao gênero batráquio, e não à espécie humana. De qual pântano essa criatura chocante vem até nós ?”

⁹³ No original: « Quelques services qu'il ait rendus à la Révolution par sa vigilance inquiète, son langage meurtrier et la légèreté habituelle de ses accusations eurent une déplorable influence. Son désintéressement, son courage, donnèrent autorité à ses fureurs, il fut un funeste précepteur du peuple, lui faussa le sens, le rendit souvent faible et furieux, à l'image de Marat. »

Marat, para Jules Michelet, é uma pessoa tomada por uma “sensibilidade estranha”, ou seja, o sentimento de justiça e de indignação ao extremo levou ao cenário de “paixões violentas e cruéis”. Foi justamente essa passionalidade, aponta Michelet, que fez boa parte da imprensa seguir Marat, popularizando seu título de “profeta” da Revolução e engendrando o único poder que restava à França: o Terror Popular. Marat estava mais para um “ecclético vacilante” do que propriamente socialista, mas era popular e amado pelo povo, justamente por dizer e tratar coisas que o povo entendia, sem teorias econômicas ou jargões jurídicos. (Michelet, 2014, T.2, p.395, tradução nossa)⁹⁴.

O historiador francês também atribuiu o sucesso, e um pouco da ruína, do Amigo do Povo a disponibilidade que o jornalista tinha em apenas escrever. Ao abandonar sua carreira nas ciências, Jean-Paul Marat dedicava seus dias ao jornal, raramente saía de casa para comparecer a Assembleia ou aos Clubes que era adepto (Michelet, 2014, p.395) e seu histórico de perseguição contribuiu muito para o estilo de vida “subterrâneo”, como o próprio dizia. Esse isolamento e sentimento de dever obsessivo teriam sido propulsores para Marat enlouquecer, ficar ainda mais furioso com tudo que acontecia e, por consequência, mais severas eram suas sugestões de punição. “Ontem, um grande cidadão; hoje, um vidente, um profeta; se ficar mais louco, esse vidente passará por Deus.” (Michelet, 2014, T2, p.404, tradução nossa)⁹⁵.

No capítulo sobre a morte de Marat, Michelet menciona a mudança de comportamento do Amigo do Povo entre março e a data de sua morte. Ao atingir “a idade de indulgência e moderação” (p.148), Jean-Paul Marat mudou a postura ferrenha e passou a perseguir os “novos Marat”. No decorrer do capítulo, Michelet aborda mais a questão da assassina, Charlotte Corday, do que da vítima. A forma que o historiador retrata Corday, uma menina de extrema doçura, que parecia mais jovem do que era, ingênua e muito sozinha, parece ser o ápice de sua escrita romântica, ainda mais quando ele a paralela com Joana D’Arc, pela questão da “infância prolongada.” (Michelet, 2014, T.6, p. 154). Mas o momento de verdadeira humanidade em Corday é quando Michelet, no capítulo sobre a condenação e morte dela, descreve o momento que Charlotte, antes muito mecânica e instruída, “percebe o que fez”:

Imóvel, observa com olhos frios e sem brilho. (...) A única coisa que parecia surpreendê-la, e que (dizia ela própria) a fazia sofrer, eram os gritos de Catherine Marat. Isso deu-lhe a primeira e mais dolorosa ideia: que Marat era, afinal, um homem. Parecia estar a dizer para si própria: “Ora, ele era amado!” (Michelet, 2014,

⁹⁴ No original: « L'Ami du Peuple (...) ce n'est pas simplement un journal, c'est un homme, une personne. »

⁹⁵ No original: « Hier, un grand citoyen ; aujourd'hui, voyant, prophète ; pour peu qu'il devienne plus fou, ce voyant va passer Dieu. »

T.6, p.163, tradução nossa)⁹⁶

Em uma vertente contrária à do romantismo, surge o livro “A Grande Revolução” (1909) de Piotr Kropotkin (1842-1921), principal arcabouço teórico do presente trabalho. Geógrafo de formação e considerado um dos principais teóricos da corrente anarquista clássica, Kropotkin escreveu sobre a teoria anarquista em *A Conquista do Pão* (1892) e *Ajuda Mútua* (1902). Suas pesquisas sobre a Revolução Francesa se iniciaram em 1899, a partir do convite para escrever um texto comemorativo ao centenário da revolução, e se intensificam nos próximos anos até a publicação da obra.

O livro realça a importância das massas, evidenciando a participação do povo francês para as mudanças drásticas que aconteceram na Revolução Francesa. O autor aborda as lutas no interior e em Paris, enfatiza as flutuações econômicas, as crises, as más colheitas, os preços e as consequências das guerras. A primeira aparição de Marat na obra de Kropotkin é no episódio já abordado sobre a lei marcial e, todas as outras vezes, Kropotkin escreve sobre Marat como alguém que tinha razão, que era ousado, que era popular e, por vezes, como alguém com um pensamento vanguardista: “ (...) e estas palavras são de ouro, pois se diriam escritas hoje, no século XX (...) Dir-se-ia, escrito ontem, se não fosse tirado do *L’Ami du Peuple*.” (Kropotkin, 2021, p.244).

Nota-se que, em Kropotkin, Jean-Paul Marat não é retratado como alguém agressivo como Michelet. Para o escritor anarquista, trata-se de um jornalista “chefe de opinião” que adentrou no organismo político francês, participou do “triunvirato” Danton, Marat e Robespierre e é constante conselheiro do povo. Se Michelet questionou o socialismo em Marat, Kropotkin faz o mesmo com o anarquismo e conclui que Marat podia até caminhar com “anarquistas”, mas não era um deles. (Kropotkin, 2021, p.315)

A relação de Marat com o povo também é destacada por Kropotkin. Seu estudo investiga e mostra a conexão entre os panfletos e as movimentações populares, Kropotkin destaca a devoção que o jornalista tinha para com a questão revolucionária, com os seus leitores e com a França e que, Marat só se tornou violento, quando precisou escolher entre a Gironda e a Revolução, mas que antes disso, tentou evitar essa abordagem, podendo até mesmo ter sido decisivo contra “o caráter feroz” do Terror:

Desde o dia em que entrou na Revolução, Marat a ela se dedicou inteiramente, viveu na pobreza, constantemente obrigado a ocultar-se (...) Até morrer, não obstante a febre que o devorava, não mudou o seu gênero de vida. A sua porta sempre estava aberta

⁹⁶ No original: « Immobile, elle regardait d'un œil terne et froid. (...) La seule chose qui semblait l'étonner, et qui (elle l'a dit elle-même) la faisait souffrir, c'étaient les cris de Catherine Marat. Elle lui donnait la première et pénible idée : qu'après tout, Marat était homme. Elle avait l'air de se dire : Quoi donc ! il était aimé ! »

para os homens do povo. (...) Por mais sanguinária que fosse sua linguagem em relação as criaturas da Corte (...) teve sempre considerações para aqueles que se tinham dedicado à Revolução. (Kropotkin, 2021, p.349)

Sobre o assassinato, Kropotkin acredita que Corday não agiu sozinha e que em Caen já se programava uma conspiração que planejava matar o “triunvirato ditatorial”. Para o autor, a morte de Marat simbolizou a perda do mais dedicado amigo do povo e não o trata como um homem sanguinário, e sim, como um homem que amava o povo (Kropotkin, 2021, 399). Ao contrário de Michelet, Kropotkin coloca Marat como alguém que compreende as paixões do povo:

Marat soube compreender as diversas fases da Revolução e prever-lhes as sequências muito melhores do que todos os seus contemporâneos. (...) Só ele, tinha realmente a concepção e a perspicácia de um homem que vê as coisas no seu todo, nas suas múltiplas relações. (...) O fundo da sua inteligência era compreender o que era preciso fazer num dado momento pelo triunfo da causa do povo, da revolução popular, e não de uma revolução abstrata, teórica. (Kropotkin, 2021, p.400)

Kropotkin finaliza o capítulo com nota de rodapé, afirmando que a obra de Marat foi desprezada até 1909 e reiterando o prazer que foi ler o estudo da obra do Amigo do Povo feito pelo líder do Partido Socialista Francês, Jean Jaurès, que tratou com respeito a “qualidade do espírito” de Jean-Paul Marat.

O terceiro historiador que não poderia deixar de ser abordado é Albert Mathiez (1874-1932) . Sua obra apresenta um diferencial ao discutir a influência da religião, dos problemas econômicos e sociais da Revolução, levando seus estudos além da história política. Em “A Revolução Francesa” (1922), Mathiez discute o papel das classes sociais, a importância da luta de classes para o processo revolucionário e a importância dos jacobinos para os interesses do povo e da democracia. Dividida em três tomos, a obra é considerada influente e solidificadora dentro da historiografia da Revolução Francesa.

Apesar de a atenção do historiador ser diretamente ligada à figura de Robespierre, Mathiez menciona em alguns momentos a personalidade de Jean-Paul Marat. A primeira é no capítulo sobre a presença de Lafayette no Palácio, onde Mathiez escreve sobre como Loustalot e Marat foram os primeiros a “soprarem o fogo” quanto aos abusos do veto real e a presença das tropas em Paris. Além disso, também destaca que quem atacou primeiro a Lafayette e Mirabeau foi Jean-Paul Marat, “cuja clarividência política raramente falhava”. (Mathiez, 2023, T1,p.100, tradução nossa)⁹⁷. É esse o retrato de Marat por Albert Mathiez, um jornalista comprometido, ativo, sendo o primeiro a denunciar ou quem denunciava incessantemente e um vidente muitas vezes isolado:

⁹⁷ No original: « Marat, dont la clairvoyance politique fut rarement en défaut, fut le premier à attaquer le divin Mottier et Riquetti l'infâme. »

(...) para defender a causa revolucionária abalada pela guerra civil e pela guerra externa, os jacobinos teriam de regressar à centralização monárquica. Mas, a essa altura, ninguém tinha previsto esta necessidade. Só Marat, que era um gênio político, tinha compreendido desde o primeiro dia que o poder revolucionário devia ser organizado sob a forma de uma ditadura, para opor ao despotismo dos reis o despotismo da liberdade. (Mathiez, 2023, T.1, p.114, tradução nossa)⁹⁸.

Mathiez, assim como Michelet, também apontou que as críticas de Marat as riquezas e a desigualdade social restringiam-se a algo abstrato e, sem a apresentação de uma organização social que solucionasse os problemas franceses⁹⁹ mas de qualquer forma, foi uma adição valiosa à Comuna e tornou-se alvo de fortes ressentimentos e desgostos dos girondinos, uma vez que Robespierre se tornava uma figura cada vez mais difícil de atingir. O historiador também se utiliza dos relatórios de sessões da Convenção Nacional e, em uma delas, é discutida a acusação dirigida a Marat por seu pedido constante por um ditador à França e, para Albert Mathiez, o Amigo do Povo demonstrou grande coragem ao admitir culpa nesses pedidos:

Marat pediu para falar (...) calmo e desdenhoso, disse-lhes: “Então tenho muitos inimigos pessoais nesta Assembleia! (...) Se alguém é culpado de ter posto estas ideias no domínio público, sou eu. Creio que sou o primeiro escritor político, e talvez o único em França desde a Revolução, que propõe um tribunal militar, um ditador, triunviratos como único meio de esmagar os traidores e os conspiradores.” (...) Com muita habilidade, preveniu a Assembleia contra aqueles que queriam semear a discórdia e distraí-la das grandes questões que a deviam ocupar. (Mathiez, 2023, T.2, p.282, tradução nossa)¹⁰⁰

É provável que a coragem e a franqueza tenham sido o que tornou Marat tão popular, como no capítulo sobre sua absolvição, em abril de 1793, quando o povo o carregou e lhe entregou coroas cívicas. Ele era “mais popular e mais temido do que nunca” (Mathiez, 2023, T2, p.368). Diferente dos historiadores anteriores, Albert Mathiez não consagra um capítulo para o assassinato de Marat e pouco descreve o que aconteceu com o Amigo do Povo, mas discorre sobre sua importância e memória. Com a morte, Robespierre ganhou a liderança dos sans-

⁹⁸ No original: « Pour défendre l'œuvre révolutionnaire ébranlée par la guerre civile et la guerre étrangère, les jacobins (...) devront revenir à la centralisation monarchique. Mais, sur le moment, personne n'avait prévu cette nécessité. Seul Marat, qui était une tête politique, avait compris, dès le premier jour, qu'il faudrait organiser le pouvoir révolutionnaire sous la forme d'une dictature, afin d'opposer au despotisme des rois le despotisme de la liberté. »

⁹⁹ “Ele repreende os monopolistas, ameaça-os com justiça popular, mas seria em vão que procuraríamos, sob a sua caneta ardente, a apresentação de um sistema social.” (Mathiez, 2023, T2, p.248).

¹⁰⁰ No original: « Marat demanda la parole. (...) calme et dédaigneux, leur lança : J'ai donc, dans cette Assemblée, un grand nombre d'ennemis personnels ! (...) Si quelqu'un est coupable d'avoir jeté dans le public ces idées, c'est moi, je crois être le premier écrivain politique, et peut-être le seul en France depuis la Révolution, qui ait proposé un tribun militaire, un dictateur, des triumvirats comme le seul moyen d'écraser les traîtres et les conspirateurs. (...) Très habilement, il mit en garde l'Assemblée contre ceux qui voulaient y jeter la discorde et la distraire des grands objets qui devaient l'occuper. »

culottes, alguns companheiros jacobinos deram continuidade ao jornal de Marat, bem como algumas homenagens, como a renomeação da “Seção du Théâtre Français” para “Seção Marseille-Marat”, mais tarde apenas “Seção Marat”.

Outra diferença em Mathiez é que, por mais que Marat tenha sido assassinado, seu corpo velado e a Revolução continuou, Albert Mathiez continua a mencionar e falar de Marat nos capítulos pós-julho de 1793, pois foi isso que fizeram os montanheseiros para engrenar o que viria ser o Governo Revolucionário e torna-se compreensível o porquê da persona de Marat conhecida hoje seja a de um homem revolucionário abrasivo em detrimento dos seus primeiros anos na Revolução. Foi escolha do partido, dos jacobinos, lembrar e invocar o Marat de seus últimos anos de vida:

Invocar Marat, cujo coração foi preservado no clube como uma relíquia, não foi apenas abrigar-se atrás de um grande nome popular, foi anunciar uma política determinada. O Marat que glorificamos foi o Marat dos massacres de Setembro, o Marat que aconselhou o povo a escolher um ditador. (Mathiez, 2023, T.3, p.523, tradução nossa)¹⁰¹

O último historiador que abordaremos, nesta primeira metade do século XX é Georges Lefebvre (1874-1959), muito orientado pelo materialismo histórico e pela escola dos Annales. Lefebvre dedica, em sua obra sobre a Revolução, atenção às camadas populares e atribui um teor mais abrangente à Revolução Francesa: Um movimento complexo e de um dinamismo além das classes burguesas, de forma que todo o aspecto da vida social também foi afetado.

Em sua obra “A Revolução Francesa” (1930), Lefebvre evita consagrar personalidades e se interessa mais pelas movimentações revolucionárias, ao contrário de Michelet, por exemplo. O primeiro e único vislumbre de uma posição sobre Jean-Paul Marat é na terceira parte da obra, antes Lefebvre apenas escreve sobre as personalidades alvos de críticas e a demanda por um ditador, quando Marat pede a cabeça da aristocracia para o bem da Revolução e o historiador o categoriza como “amargurado pelo fracasso e pela pobreza, pelo processo judicial e pela doença” e que suas “previsões sinistras” só tinham credibilidade pelo tato que Marat tinha com as necessidades e demandas do povo francês. Além disso, Lefebvre afirma que, por mais que as movimentações de 2 e 3 de setembro de 1792 sejam atribuídas a Marat, ele não foi responsável pelas concretizações e sim, a mentalidade popular. (Lefebvre, 2005, p.236).

Também da corrente marxista, Albert Soboul (1914-1983) escreveu sobre a Revolução

¹⁰¹ No original: « Invoquer Marat, dont le cœur était conservé au club comme une relique, ce n'était pas seulement s'abriter derrière un grand nom populaire, c'était annoncer une politique déterminée. Le Marat qu'on glorifiait, c'était le Marat des massacres de septembre, le Marat qui avait conseillé au peuple de choisir un dictateur. »

Francesa e se dedicou aos estudos sans-culottes e à questão das camadas populares, assim como os dois autores anteriormente citados, bem como a preferência ao estudo da personalidade de Robespierre como Georges Lefebvre, de quem se tornou amigo. A figura de Marat na escrita de Soboul é coadjuvante, mas parece permanecer com os mesmos conceitos: um homem que fazia parte da imprensa popular, “influente de certa maneira às palavras de ordem revolucionária” (Soboul, 2007, p.34) e que pressentia a necessidade de uma ditadura popular. (Soboul, 2007, p.90)

Michel Vovelle (1933-2018) é conhecido por seu trabalho na história das mentalidades e por aderir à Escola dos Annales, o que possibilitou aprofundar seus estudos sobre a Revolução Francesa e, principalmente, na abordagem das crenças, dos costumes, dos hábitos e de outros aspectos socioculturais que influenciaram no processo revolucionário. Em sua obra *A Revolução Francesa 1789-1799* (2012), Vovelle retrata Marat como uma figura importante para as massas por meio de seu jornal, chegando até mesmo a integrar o que Vovelle chama de “religião revolucionária” (Vovelle, 2012, p. 231).

Similarmente a Kropotkin, refere-se constantemente ao “triunvirato” Danton, Marat e Robespierre e considera o jornalista como um “porta-voz avançado” (Vovelle, 2012, p.79) mas não menciona, por exemplo, as resistências iniciais de Marat à morte do rei e que ele teria a sua maneira, junto dos demais líderes montanheses, exigindo-a (Vovelle, 2021, p.40). Nomes como “o tribuno popular”, “líder engajado” e até mesmo “artista marginalizado pelo sistema” aparecem no decorrer da obra, mas o culto a mártires aparenta ser o ápice de Marat na revolução:

(...) outras formas de religiosidade espontânea aparecem, em particular através do culto dos mártires da Liberdade, vítimas dos inimigos da revolução. Marat, Le Peletier e Chalier são cultuados em toda a França e, em Paris, mulheres patriotas recitam as litanias do coração de Marat ("Ó coração de Jesus, ó coração de Marat"). (Vovelle, 2012, p.231)

Essa obra em específico não denota muitos posicionamentos ou descrições da conduta de Marat durante a Revolução. Não faz referências à clarividência ou à violência, apenas o coloca como um dos importantes revolucionários para a proteção e execução das causas populares e um símbolo emblemático, cultuado tanto por aqueles que viveram a Revolução quanto pelos que a estudam.

A historiografia, em geral, contribuiu para a ideia de Jean-Paul Marat enquanto um homem de muitas paixões, efervescência e ânsia de justiça e, na historiografia jacobino-marxista, é constantemente louvado por seu compromisso e proximidade com os *sans-culottes*, camponeses e demais camadas populares. A importância do *L'Ami du Peuple* enquanto jornal

revolucionário, às vezes colocado como democrático, também é perceptível nos escritos dos historiadores, mas a responsabilidade total sazonalmente atribuída a ele e a seu autor é questionada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa almejou reconstruir a trajetória de construção política de Marat e, alinhado com os acontecimentos de sua época, foi possível perceber a progressão e motivações das mudanças de posicionamento com o passar dos anos. Estudar a Revolução Francesa, bem como seus personagens emblemáticos e acontecimentos-chave, não só elucida sobre um dos movimentos políticos mais importantes e simbólicos da história mundial, como também auxilia na compreensão da conjuntura atual e todos os efeitos ainda presentes graças às estruturas que foram derrubadas no século XVIII. Frente à pesquisa, às fontes consultadas e aos autores estudados, é possível realizar algumas inferências.

No primeiro capítulo, foi possível observar uma primeira fase da trajetória de Marat. Inicialmente, um monarquista constitucional que almejava uma França aos moldes da Inglaterra, local em que ele viveu parte da vida, bem como em alguns momentos de seu exílio. Seu posicionamento vai mudando gradualmente ao passo que a Revolução engrena com a movimentação popular e, quando não há movimentação, ele exprime seu descontentamento aos descasos da causa do povo. Acha culpados, pede suas cabeças, se desilude com a revolução e com a figura do Rei a ponto de clamar um ditador.

Com o fim de 1791, sem apoiar a monarquia e repudiar a República, no segundo capítulo foi possível perceber o peso que Marat adquiriu com sua filiação aos *Cordeliers* e sua relação com a Comuna de Paris. Concluiu-se que essa é a fase que constrói o Marat conhecido como “extremo”, as ressalvas cada vez mais constantes a um ditador, as críticas claras aos membros da Corte e aos contrarrevolucionários e as constantes profecias que ele lançava em seus periódicos. O ano de 1792 foi emblemático para a construção de Marat como radical.

O terceiro capítulo trabalha em cima de todo o “vir a ser” republicano de Jean-Paul Marat e como sua figura foi consagrada na memória da Revolução. Com a morte do Rei, ele se declarou republicano e lutou como deputado da Convenção Nacional contra os Girondinos e contrarrevolucionários, o que os enfureceu e levou Marat a um tribunal de julgamento. Esse episódio, bem como o de seu assassinato, são simbólicos, pois evidenciam o prestígio que Marat tinha por parte do povo, e contribui para a aura religiosa revolucionária. Marat como um profeta, um santo do povo, conseguiu um lugar no Panteão graças à sua performance caricata, ativa e única durante a Revolução.

Esse aspecto foi ressaltado por Mathiez, por exemplo, no capítulo sobre a Historiografia. Mesmo com sua morte, Marat perpassou a história revolucionária, seja por nome de seções,

cultos ou homenagens. Os historiadores da corrente marxista-jacobina, quando falam sobre Marat, apresentam retratos parecidos: um revolucionário que se excedia em tom e medida, caricato e com uma escrita excêntrica, mas que era extremamente devoto à causa revolucionária e ao povo francês.

Jean-Paul Marat, assim como qualquer indivíduo, foi passível de mudanças de posicionamento graças ao contexto em que vivia. A ideia desse homem enquanto um mártir carrasco, delirante e febril não deve ser encarada como definitiva e sim uma consequência do processo no qual Marat estava inserido. As condições e cenários em que a França viveu influenciaram tanto nos rumos que a Revolução tomou quanto nas atitudes e posições de seus integrantes. Robespierre não escapou dessa volatilidade, Marat tampouco. Sua radicalidade é um resultado, portanto, da conjuntura e dos valores que Marat foi adquirindo, ou perdendo, ao passo que o processo revolucionário se desenvolvia. De um médico e cientista que apoiava a figura monárquica ao republicano convertido em seu último ano de vida, existe uma longa trajetória e inúmeras variantes que, se ignoradas, tornam os rótulos de Marat superficiais.

A segunda premissa passível de conclusão é que Jean-Paul Marat não pode ser responsabilizado por fatos ocorridos na Revolução. A revolta do massacre do Campo de Marte, a movimentação do 10 de agosto de 1792, bem como os levantes de 2 e 3 de setembro, são muitas vezes colocados como contextos em que Marat orientou o povo a se rebelar e ele assim o fez. Como disse Lefebvre, ele não é o causador desses acontecimentos, o máximo que é possível inferir é que o povo tinha suas vontades e as executava com ou sem líderes, e Jean-Paul Marat, certamente, apenas as inflamava consideravelmente antes que partisse para o campo da ação.

A terceira, e mais importante, diz respeito à caracterização de Marat como um “revolucionário” e “agressivo”, designação que foi perpetuada não somente por historiadores liberais e conservadores, mas pelo próprio Michelet e outros. Lefebvre e Kropotkin mencionam essa constante retomada às “vítimas dos inimigos da revolução” buscando inspirar as massas, principalmente no período do Governo Revolucionário. Não era útil, nem vantajoso, aos jacobinos, hébertistas, sans-culottes e demais partidos populares lembrarem do Jean-Paul Marat conservador, que defendeu a figura do rei ou que defendeu um ditador para a França, mas sim, do Marat eleito para a Convenção Nacional, integrante da Comuna e denunciante daqueles que usurpavam dos mais pobres e traíam a nação.

Ademais, esse estudo almejou contribuir para evitar a visão dicotômica, não somente de Marat como da Revolução Francesa por inteiro. É de suma importância para a pesquisa histórica

e para o ensino de história compreender as nuances e variações que essa figura e o movimento sofreram.

Apoiado nos documentos redigidos diretamente por Marat, mesmo com alguns problemas de disponibilidade digital ou legibilidade, foi possível perceber a forma como o amigo do povo se dirigia a seus leitores e compreender as nuances da trajetória política de Jean-Paul Marat. Além da dramaticidade e morte, um mártir emblemático: seus constantes contatos com os cidadãos, a presença popular em sua casa, seu envolvimento com revolucionários não apenas restritos a Paris, mas da França inteira e sua escrita de fácil apreensão pelo povo francês foram o que elevaram Marat a se tornar essa figura expressiva e repleta de clamor popular.

Por fim, conclui-se que Marat só foi partidário do republicanismo em uma pequena fração de sua trajetória de vida e que, portanto, “radical” não seja a melhor palavra para definir suas ideias ou sua personalidade. As sugestões por um ditador, ou um triunvirato, contavam com condições de limitação de poder e duração dessa forma de governo. É possível sim atribuir violência e radicalismo às suas palavras, à forma como escrevia, pois era uma das maneiras de ser notado, ou até mesmo levado a sério, em meio ao contexto revolucionário, mas essa postura não avança em seus pensamentos políticos, que se mantêm moderados até o fim de 1792. A construção do radicalismo de Marat é restrita, portanto, mais à forma em que ele se expressa do que em seus princípios e valores políticos.

REFERÊNCIAS

- AULARD, François-Alphonse. **La Société des Jacobins : recueil de documents pour l'histoire du club des Jacobins de Paris.** Bnf Gallica, 2009. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56964717/f1.item> . Acesso em: 27 de jul. 2024
- BRISSOT, Jacques Pierre. **A tous les républicains de France : sur la Société des Jacobins de Paris.** BNF Gallica, 2007. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k85303p> . Acesso em: 26 de jul. 2024
- CORDAY, Charlotte. **Véritables lettres de Marie-Anne-Charlotte Corday, écrites à son père, à Barbaroux, et autres scélérats qui avoient connoissance de son crime, suivies de la conduite qu'elle a tenue jusqu'à l'échafaud.** Bnf Gallica, 2007. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k41084w/f3.item.r=corday%20charlotte> . Acesso em: 28 de jul.2024.
- CHUQUET, Arthur. **Les Guerres de la Révolution. : La trahison de Dumouriez. - Deuxième édition.** BNF Gallica, 2012. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63674642/f13.item> . Acesso em: 26 de jul.2024
- DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. **A revolução impressa : a imprensa na França, 1775-1800.** 1ª edição. São Paulo: Editora EDUSP, 1997.
- DE SAINT-ALBIN, Alexandre Rousselin de Corbeau. **Feuille du salut public.** N°14. BnF Gallica. Disponível em : <https://www.retronews.fr/journal/feuille-du-salut-public/19-juillet-1793/1639/2855717/3> . Acesso em: 28 de jul.2024.
- Declaração de Guerra ao Rei da Hungria e da Boêmia (1792). Tradução: Luiz Arnaud. Universidade Federal de Minas Gerais. 2012. P.1. Disponível em: http://www.royet.org/nea1789-1794/archives/journal_debats/an/1792/legislative_1792_04_20.htm . Acesso em: 13 de out. 2023
- GOTTSCHALK, Louis R. **The Radicalism of Jean Paul Marat.** The Sewanee Review, vol. 29, no. 2, 1921, pp. 155–170. *JSTOR*, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27533413> . Acesso: 17 de abr. 2023.
- HERBET, Jacques-Renè. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°627. BNF Gallica, 2013, p.2. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10469289/f1.image> Acesso em: 05 de out. de 2023
- HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848.** Editora Paz e Terra, 2015.
- JAURÈS, Jean. **Histoire Socialiste de la Révolution Française. T.III, Livre II.** 2024. Disponível em: https://www.mediterranee-antique.fr/Auteurs/Fichiers/JKL/Jaures/H_S_Revolution/T3/Revolution_3_B1.htm . Acesso em: 28 de jul.2024
- KROPOTKIN, Piotr. **A Grande Revolução (1789-1793).** 4ª edição. São Paulo: Editora Biblioteca Livre, 2021. p.159
- LE COURIER DE L'ÉGALITÉ, N°334. Universidade de Harvard, 2007. Disponível em:

<https://books.google.fr/books?id=NSQDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=fr#v=thumbnail&q=143&f=false> . Acesso em: 28 de jul.2024

LEFEBVRE, Georges. *The French Revolution: from its origins to 1793*. Routledge, 2005.

MACIEL, Bruno, MONTEIRO, Darla, AVELAR, Júlia, *et al.* **Epistula ad Pisones**. Belo Horizonte: Viva voz, 2013.

MARAT, J. P. **Journal de la République française**. N°98. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049282m/f1.item> . Acesso em: 3 de mar.2023.

_____. **Les aventures du jeune Comte Potowski : Un roman de coeur par Marat, l'ami du peuple**. Project Gutenberg, 2018. Disponível em : <https://www.gutenberg.org/ebooks/58366> . Acesso em: 17 de abr.2023

_____. **De l'homme, ou Des principes et des loix de l'influence de l'âme sur le corps et du corps sur l'âme**. BNF Gallica, 2007. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k83089x> . Acesso em: 12 de abr.2023

_____. **Les chaînes de l'esclavage**. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10497363/f24.item> . Acesso: 12 de abr.2023

_____. **Plan de législation criminelle**. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10497489> . Acesso em: 17 de abr.2023

_____. **Le Moniteur Patriote**. N°1. BNF Gallica, 2007. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k746559?rk=21459;2> . Acesso em: 27 de abr. 2023

_____. **Projet de déclaration des droits de l'homme et du citoyen, suivi d'un Plan de constitution juste, sage et libre**. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10497400?rk=107296;4> . Acesso: 7 de maio 2023.

DE FREITAS, Renata Barreto. **De crítico do iluminismo a autocrítico: Jean-Jacques Rousseau e o ato de fundação de uma moral virtuosa**. Rio de Janeiro, 2006. p.30 Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9367@1> . Acesso em: 7 mai. 2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial**. N°24. BNF Gallica, 2013. p.213 Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1045718x/f1.image> . Acesso em: 18 de maio de 2023.

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial**. N°29. BNF Gallica, 2013. p.2-4 Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10457289/f1.image> . Acesso em: 23 de maio de 2023.

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial**. N°34. BNF Gallica, 2013. p.78 Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1045738p/f1.image#> . Acesso em: 23 de maio de 2023.

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial**. N°162. BNF Gallica, 2013. p.3. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10457467/f1.image> . Acesso em: 26 de maio de 2023

_____. **On nous endort, prenons-y garde.** Google Livros, 2014. P.12. Disponível em : https://books.google.com.br/books?id=_6xA2Oc0WEwC&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false . Acesso em: 30 de maio de 2023.

_____. **L’Affreux réveil.** Google Livros, 2014. P.7. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=wEtfj-1-cUC&printsec=frontcover&hl=fr#v=onepage&q&f=false> . Acesso em: 30 de maio de 2023

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°341. BNF Gallica, 2013. P.3 e 8 Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1045970k/fl1.image> . Acesso em: 18 de jun. de 2023.

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°497. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1046838b/fl.item> . Acesso em: 24 de jun.de 2023

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°513. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1046144n/fl.item> . Acesso em: 28 de jun.de 2023.

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°608. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10468909/fl.item> . Acesso: 21 de jul. de 2023

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°625. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1046924n/fl.item> . Acesso em: 23 de set. de 2023

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°627. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10469289/fl.image> . Acesso em: 05 de out.2023

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°634. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1046924n/fl.item> . Acesso em: 28 de jul.2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°650. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1046974j/fl.image> . Acesso em: 11 de jun.2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°667. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1047008r/fl.image> . Acesso em: 13 de jun.de 2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°674. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10470221/fl.image> . Acesso em:18 de jun.de 2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°676. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1047026p/fl.image> . Acesso em: 17 de jun.de 2024.

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°676. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1047032d/f1.image> . Acesso em: 17 de jun.2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°681. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10470362/f1.image> . Acesso em: 24 de jun.2024

_____. **L'Ami du peuple, ou le Publiciste parisien : journal politique libre et impartial.** N°685. BNF Gallica, 2013. Disponível em : <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1047044m/f1.image> . Acesso em 25 de jun.2024

_____. **Journal de la République française.** N°1. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049090g/f13.image> . Acesso em: 3 de mar.2023.

_____. **Journal de la République française.** N°65. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049216m/f1.image>. Acesso em: 15 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°66. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049218f/f1.item> Acesso em: 17 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°73. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049232q/f1.image> . Acesso em: 17 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°86. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049258z/f11.item> . Acesso em: 22 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°89. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049264p/f1.image> . Acesso em: 22 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°101. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10492883/f1.item> . Acesso em: 24 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°104. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049294t/f1.item> . Acesso em: 24 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°105. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049296n/f1.item> . Acesso em: 24 de jul. 2024

_____. **Journal de la République française.** N°107. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10493003/f1.item> . Acesso em: 25 de jul.2024.

_____. **Journal de la République française.** N°158. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10494028/f1.image> . Acesso em: 24 de jul. 2024

_____. **Le Publiciste de la République Française.** N°169. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10494028/f1.image> . Acesso em: 28 de jul. 2024

_____. **Le Publiciste de la République Française.** N°180. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10496004/f1.image> . Acesso em: 26 de jul. 2024

_____. **Le Publiciste de la République Française**. N°181. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049602z/f1.image> . Acesso em: 26 de jul. 2024

_____. **Le Publiciste de la République Française**. N°209. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049658b/f7.item> . Acesso em: 27 de jul. 2024

_____. **Le Publiciste de la République Française**. N°240. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10497207/f1.item> . Acesso em: 28 de jul. 2024

_____. **Le Publiciste de la République Française**. N°243. BNF Gallica, 2013. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049724w/f1.image> . Acesso em: 28 de jul. 2024

MICHELET, Jules. **Histoire de la Révolution française**. Mediteranee Antique, 2011. Disponível em : https://www.mediterranee-antique.fr/Pages_accueil/Accueil_Contemporain.htm. Acesso em: 25 de jun.2024

MATHIEZ, Albert. **La révolution française**. Mediterranée Antique, 2023. Disponível em : https://www.mediterranee-antique.fr/Pages_accueil/Accueil_Contemporain.htm Acesso em: 28 de jul.2024

ROBESPIERRE, Maximilien. ROBESPIERRE Augustin de. **Correspondance de Maximilien et Augustin de Robespierre**, Bibliothèque numérique Paris 8. Disponível em : <https://octaviana.fr/document/FELNM002> . Acesso em: 28 de jul.2024

SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. Editora Difel, 2007.

TOSI, Lucía. **Jean-Paul Marat (1743-1793), cientista e tradutor de Newton**. Química Nova, 1999, vol. 22, p. 907-912.

VATEL, Charles. **Dossiers du procès criminel de Charlotte de Corday, devant le Tribunal révolutionnaire: Extraits des Archives impériales**. Poulet-Malassis, 1861.

VERMOREL, Auguste. **Oeuvres de JP Marat (l'ami du peuple)**. BNF Gallica, 2012. Disponível em: <https://gallica.Bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6215671n/f1.item> . Acesso em: 28 de jul.2024

VOVELLE, Michel. **A revolução francesa, 1789-1799**. Editora Unesp, 2020.